


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

FERNANDA REGINA MISTIERI

ACENTO EM LÍNGUAS TUPI-GUARANI:
uma análise comparada



ARARAQUARA – S.P.
2013

FERNANDA REGINA MISTIERI

ACENTO EM LÍNGUAS TUPI-GUARANI: uma análise comparada

Dissertação de Mestrado apresentada Programa de Pós-graduação em linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti

Órgão fomentador: Capes

ARARAQUARA – S.P.
2013

Mistieri, Fernanda Regina

Acento em línguas Tupi-Guarani: uma análise comparada /

Fernanda Regina Mistieri. – Araraquara

123 f : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências
e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara,
2013.

1 Fonologia. 2. Tupi-Guarani. 3. Acento. 4. Teoria Métrica.

FERNANDA REGINA MISTIERI

ACENTO EM LÍNGUAS TUPI-GUARANI: uma análise comparada

Dissertação de Mestrado apresentada Programa de Pós-graduação em linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.
Orientador: Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti
Órgão fomentador: Capes

Data da defesa: 26/04/2012

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti
Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) Unesp Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR

Membro Titular: Profa. Dra. Lucy Seki
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem – IEL

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*Aos meus pais Waldomiro e Maria
e ao meu grande amor Pedro, por
terem sempre acreditado em mim*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti, minha orientadora e amiga, que acreditou no potencial desse projeto e não poupou esforços para me guiar sábia e pacientemente. Sem sua orientação, jamais chegaria até aqui!

À Capes por ter acreditado neste projeto e fornecido apoio e investimento a esta pesquisa durante todo o ano de 2012.

Agradeço também às professoras que compuseram a banca examinadora do relatório de qualificação Prof.^a Dr.^a Gladis Massini-Cagliari e Prof.^a Dr.^a Lucy Seki, pelas preciosas orientações e dicas fornecidas neste percurso acadêmico, me acompanhando desde o início da pesquisa até o presente momento. Sou profundamente grata a vocês!

Ao Programa de Pós Graduação em Linguística E Língua Portuguesa da FCL-UNESP pela instruções e orientações durante esses anos de estudo e pesquisa, e pela abertura de possibilidade de divulgação de nossa pesquisa através de *workshops*, seminários e outros eventos.

Ao meu namorado, Pedro, pelos conselhos, pela paciência e sempre por oferecer um ombro mais-que-amigo. Pelo seu amor. Pelo nosso amor.

A meus pais Maria e Waldomiro “Ico”, pelo amor incondicional, incentivo e educação que permitiram que eu chegasse até aqui. Sou profundamente agradecida, não só pelo apoio e carinho que me deram enquanto estava na Universidade, mas sim pelo que fizeram em toda minha vida.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar *todos* os seus bens.

§ 1º - São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º - As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3º - O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

§ 4º - As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

§ 5º - É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, "ad referendum" do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco.
[...]

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

Constituição da República Federativa do Brasil, 1988

Art. 67. A União concluirá a demarcação das terras indígenas no prazo de cinco anos a partir da promulgação da Constituição.

Ato das disposições constitucionais transitórias, Ibidem.

RESUMO

No Brasil, existem atualmente cerca de 180 línguas indígenas faladas por etnias dispersas praticamente por os estados do país. A maioria dessas línguas pouco ou nunca foi estudada, e questões linguísticas mais específicas, tais como o acento, quase não foram analisadas com profundidade. O objetivo desta pesquisa é estabelecer um estudo comparativo do acento em línguas da família tupi-guarani, utilizando como base teórica os modelos da fonologia métrica de Liberman e Prince (1977) e, posteriormente, de Hayes (1995). Para tal feito, selecionamos nove línguas de diferentes grupos e espaços geográficos: Avá-Canoeiro, Xetá, Nheengatu, Tupi Antigo, Guarani Mbya, Araweté, Tapieté, Asurini do Xingu e Kamaiurá. As análises individuais das línguas foram realizadas a partir de teses, dissertações, artigos e outros estudos acadêmicos anteriores. De acordo com as informações contidas nesses trabalhos, traçamos uma análise comparativa das nove línguas, considerando as semelhanças e diferenças nas formas de manifestação dos padrões acentuais. Finalmente, intentamos estabelecer possíveis tendências ou semelhanças seguidas pelas línguas pertencentes à família com o objetivo de, se possível, buscar aspectos que possam remeter características do Proto Tupi-Guarani.

Palavras-chave: acento; fonologia; tupi-guarani.

ABSTRACT

In Brazil, there are nowadays about 180 indigenous languages spoken by ethnic groups scattered throughout the country. Most of these languages have been scarcely studied and some of them have not been studied at all. So, specific questions like stress have not been deeply analyzed till today. This research aims to establish a comparative study in Tupi languages, taking as fundamental theoretical bases Liberman & Prince's metrical phonology (1977) and posterior studies by Hayes (1995). For such a purpose, nine languages from different branches and geographical sites have been chosen: Ava-Canoeiro, Xeta, Nheengatu, Ancient Tupi, Guarani Mbya, Arawete, Tapiete, Asurini from Xingu and Kamayura. Individuals analyses took as main research sources papers, thesis, articles etc. According to data contained in such publications, we traced a comparative analysis of the nine languages, taking in consideration similar and different stress patterns. Finally, we intended to establish possible tendencies or similarities present in the whole linguistic branch. As a consequence, we will try to define aspects that can provide aid in a Proto-tupi-guarani research.

Keywords: stress; phonology; tupi-guarani.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Organograma genealógico das línguas Tupi-Guarani (LEMLE 1971,p 128)	21
Figura 2	Vibração de som com baixa (A) e alta (B) frequência	33
Figura 3	Variação de intensidade em sons com mesma quantidade de ciclos	33
Figura 4	Interação entre Fonologia, Léxico e Sintaxe	40
Figura 5	Diferentes organizações de moras dentro de uma sílaba	46
Figura 6	Árvore e grade métrica (GOLDSMITH, 1990, p.169)	55

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Localização de algumas das línguas da família Tupi-Guarani (Adaptado de MELLO, 2000, p.13)	26
---------------	--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Classificação de Rodrigues (1985).	22
Quadro 2	Classificação de Rodrigues e Cabral (2003).	24
Quadro 3	Classificação de Dietrich (2010).	25
Quadro 4	Fonemas do português brasileiro e seus respectivos traços.	36
Quadro 5	Matriz de traços distintivos da palavra “mala”.	37
Quadro 6	Diferenças entre regras lexicais e pós-lexicais.	40
Quadro 7	Acento em Avá-Canoeiro	76
Quadro 8	Sufixos monossilábicos que atraem o acento em Tapieté	87
Quadro 9	Sufixos monossilábicos que não atraem o acento em Tapieté	88
Quadro 10	Verbos na forma afirmativa no Tupi de São Vicente e Tupinambá.	91
Quadro 11	O pronome i antes de mo- no Tupinambá e Tupi de S. Vicente.	92
Quadro 12	Adaptações fonológicas do Nheengatu a empréstimos do PB.	105
Quadro 13	Comparativo entre as línguas da família Tupi-Guarani..	108
Quadro 14	Padrões acentuais do Tupi e Nheengatu.	111
Quadro 15	Possíveis características do acento no Proto Tupi-Guarani.	115

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

U	enunciado	Nu	núcleo silábico
I	frase fonológica	R	rima silábica
φ	frase entoacional	A	ataque ou onset
C	grupo clítico	1s	1ª pessoa do singular
ω	palavra fonológica	1p	1ª pessoa do plural
Σ	pé métrico	2s	2ª pessoa do singular
μ	mora	2p	2ª pessoa do plural
-	juntura de morfema	3s	3ª pessoa do singular
#	fronteira de palavra	3p	3ª pessoa do plural
σ	sílaba	PA	Português Arcaico
˘	sílaba leve	PB	Português Brasileiro
ˉ	sílaba pesada	SPE	The Sound Pattern of English
→	passa a...	FUNAI	Fundação Nacional do Índio
.	fronteira silábica	S	Forte
'	acento	W	Fraco
\$	fronteira silábica (BORGES, 2006)	TO	Teoria da Otimalidade
x (ou *)	cabeça de pé métrico	:	Alongamento de vogal
//	representação fonológica	S	Forte
[]	representação fonética	W	Fraco
{ }	representação de morfema	< >	Extrametricidade
()	representação de pé métrico	Nh	Nheengatu
[+]	presença de traço distintivo	LGA	Língua Geral Amazônica
[-]	ausência de traço distintivo	LGP	Língua Geral Paulista
C	consonante	ES	Espírito Santo
V	vogal	PA	Pará
G	glide	PR	Paraná
N	nasal	RS	Rio Grande do Sul
< >	extrametricidade	RJ	Rio de Janeiro
/	limite de sílaba poética	SP	São Paulo
:	alongamento de vogal	SC	Santa Catarina
/	Limite de sílaba poética	TO	Tocantins
Co	coda silábica		

Sumário

INTRODUÇÃO	17
1. A FAMÍLIA TUPI-GUARANI	21
1.1. Asurini do Xingu	27
1.2. Xetá	27
1.3. Kamaiurá	28
1.4. Avá-Canoeiro	28
1.5. Guarani Mbya	28
1.6. Araweté	29
1.7. Tapieté	29
1.8. Tupi	30
1.9. Nheengatu	30
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	31
2.1. As várias definições de acento	31
2.2. O acento e outros constituintes prosódicos segundo Chomsky & Halle e a Fonologia Não linear.....	35
2.3. Fonologias Não lineares	38
2.3.1. Teoria Lexical.....	39
2.3.2. Fonologia Prosódica e a hierarquia de constituintes prosódicos	41
2.3.2.1. Sílaba (σ)	43
2.3.2.2. Mora (μ)	45
2.3.2.3. Pé (Σ).....	47
3. A TEORIA MÉTRICA PARAMÉTRICA DE HAYES	48
3.1. Fenômenos físicos relacionados ao acento	52
3.2. Propriedades tipológicas do acento	53
3.3. Tipologia das regras de acento	53
3.4. Agrupamento na estrutura métrica	54
3.5. Extrametricidade	54
3.6. Representação métrica do acento através das grades parentetizadas	55
3.7. Inventário de pés	57

4. METODOLOGIA	59
4.1. Metodologia para análise das línguas vivas	59
4.2. Metodologia para análise do Tupi Antigo	60
4.2.1. Versos chave	63
5. ANÁLISES	65
5.1. Asurini do Xingu	65
5.1.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Asurini do Xingu	65
5.1.2. Nossa proposta de análise do acento em Asurini do Xingu	66
5.2. Xetá	68
5.2.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Xetá	68
5.2.2. Nossa proposta de análise do acento em Xetá	68
5.3. Kamaiurá	71
5.3.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Kamaiurá.....	71
5.3.2. Nossa proposta de análise do acento em Kamaiurá	72
5.4. Avá-Canoeiro	75
5.4.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Avá-Canoeiro	75
5.4.2. Nossa proposta de análise do acento em Avá-Canoeiro	76
2.3.2.1. Outros fenômenos relacionados ao acento	78
2.3.2.1. Definindo as regras de acento e pé métrico binário	79
5.5. Guarani Mbya	81
5.5.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Guarani Mbya	81
5.5.2. Nossos apontamentos sobre o acento em Mbya	83
5.6. Araweté	84
5.6.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Araweté.....	84
5.6.2. Nossa proposta de análise do acento em Araweté	85
5.7. Tapieté	87
5.7.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Tapieté	87
5.7.2. Nossa proposta de análise do acento em Tapieté	89
6. ANÁLISES: TUPI E NHEENGATU	91
6.1. Tupi e Tupinambá	91
6.1.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Tupi	92
6.1.2. Nossa proposta de análise do acento em Tupi	94

6.2. Nheengatu	98
6.2.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Nheengatu	98
6.2.1.1. Adaptações fonológicas aos empréstimos do português	105
6.2.2. Nossos apontamentos sobre o acento em Nheengatu	105
7. ANÁLISE COMPARATIVA	108
7.1. Tapieté, Xetá e Guarani Mbyá	109
7.2. Asurini do Xingu, Araweté e Kamaiurá	109
7.3. Tupi e Nheengatu	110
7.4. Avá-Canoeiro	112
7.5. Outras línguas	112
CONCLUSÕES	113
REFERÊNCIAS.....	117

INTRODUÇÃO

Propugnamos a tese de que os estudos do acento nas línguas da família sobre a qual criticamente nos debruçamos sempre tomaram por norte uma ideia generalizada de que o comportamento do sistema de atribuição do acento seja o mesmo em todas as línguas Tupi-Guarani, como bem podemos observar no excerto abaixo:

Mesmo sabendo que a tendência geral das línguas da família Tupi-Guarani é a acentuação previsível e tendo-se sérios indícios de que assim poderá ser em Asurini, diante dos dados que já dispomos, preferimos deixar essa questão em aberto para futuras pesquisas. (PEREIRA, 2009, p.92)

Até o presente momento, poucas foram as línguas que receberam um estudo detalhado sobre o comportamento do acento. Podemos destacar o longo histórico de pesquisas do Tupi (Anchieta (1954), Barbosa (1956), Rodrigues (1958), entre outros), além das recentes teses de Martins (2006) e Cruz (2011) sobre o Guarani Mbya e o Nheengatu, respectivamente. Sendo assim, pensamos que generalizações acerca do comportamento do acento na família Tupi-Guarani, sem as devidas investigações preliminares, carecem de embasamento teórico.

Desde o período subsequente ao descobrimento do Brasil até meados dos anos 50 do século passado, os estudos indígenas eram dedicados quase que exclusivamente ao Tupi Antigo, primeira língua com a qual os colonizadores europeus tiveram contato. Essa grande preocupação com o Tupi da costa acabou por relegar durante séculos todas as outras línguas indígenas brasileiras a um segundo plano, quando não a um completo esquecimento.

Sobre o “predomínio” do Tupi Antigo até algumas décadas atrás, Câmara Jr. observa:

Desta sorte, se criou a noção geral de que o modelo, o verdadeiro exemplo típico das línguas indígenas do Brasil são os dialetos Tupi da costa. Isso predominou até hoje em todos os nossos estudos de lingüística indígena.[...]

É interessante consignar que o vazo se estende aos estudiosos estrangeiros, que se deixarem impressionar pela documentação brasileira. Assim, Albert Dauzat, num livrinho de vulgarização lingüística intitulado *Viagem através das palavras* (1957, 158), só cita como línguas indígenas do Brasil as Tupi, e Paiva Boléo, lingüista contemporâneo português, eminente professor da Universidade de Coimbra, nas suas súmulas de aulas de introdução à lingüística (1957-8 p. 23, 30), fazendo a distribuição das línguas do mundo, dá para o Brasil o Tupi-Guarani e mais nada. O padre Wilhelm Schmidt (1926, p. 240), observa, aliás, essa falha generalizada em todos os estudos lingüísticos para a América do Sul, e propõe uma “destupinização” (al. *Enttupiniesierung*) nos estudos de lingüística indígena sul-americana.

(CÂMARA JR., 1977, p.100)

Um exemplo de como a generalização das sociedades indígenas é praticada pela população branca de nosso país pode ser encontrado na música infantil “Tu Tu Tu Tupi”, composta por Hélio Ziskind, que intenta mostrar às crianças brasileiras palavras de origem Tupi incorporadas a nosso arcabouço lexical. A canção peca ao retratar o índio como sendo “tudo tupi”:

Tu Tu Tu Tu

Tu Tupi

Todo mundo tem
um pouco de índio
dentro de si
dentro de si

Todo mundo fala
língua de índio
Tupi Guarani
Tupi Guarani
[...]

O índio andou pelo Brasil
deu nome pra tudo que ele viu
Se o índio deu nome, tá dado!
Se o índio falou, tá falado!
Se o índio chacoalhou
tá chacoalhado!
e ô e ô
[...]

Jabuticaba Caju Maracujá
Pipoca Mandioca Abacaxi
é tudo tupi
tupi guarani

(ZISKIND, 1996, CD)

O “índio” aqui não é um Aruak, um Jê ou um Karib, só para citar alguns exemplos. Cria-se a falsa impressão de que todos os índios brasileiros são ou foram Tupi-Guarani. Outro ponto conceitualmente turvo entre os círculos não especializados está na confusão dos termos Tupi (língua) e Tupi-Guarani (família linguística à qual o Tupi pertence), que aparentemente figuram como sinônimos na música.

Seja pela ignorância da grande população ou pela negligência de parte da comunidade linguística até poucas décadas atrás, em verdade as línguas indígenas do Brasil foram historicamente subestimadas pelos brasileiros. As nove línguas estudadas – Guarani Mbya, Xetá, Avá-Canoeiro, Araweté, Tapieté, Asurini do Xingu, Tupi, Nheengatu e Kamaiurá – serão tratadas com a mesma importância, visto que nenhuma língua pode ser considerada “melhor” que outra.

Assim, a presente pesquisa intenta esclarecer as possíveis semelhanças e diferenças no padrão acentual das línguas Tupi-guarani; se realmente essas línguas são oxítonas ou se possuem padrões distintos; se o acento é contrastivo, ou mesmo se previsível ou não.

Em suma, os objetivos deste estudo são:

- a) realizar um levantamento bibliográfico das obras com estudos sobre o acento em línguas tupi-guarani;
- b) analisar as propostas de estudo de acento em tais línguas, via Hayes (1995);
- c) comparar os resultados obtidos e estabelecer pontos de convergência e divergência entre as formas de manifestação do acento nas línguas estudadas;
- d) apontar as possíveis diretrizes que mostrem regras gerais ou tendências que possam ser atribuídas à família Tupi-Guarani como um todo.

Faz-se necessário a realização de um levantamento bibliográfico das obras que possuem estudos sobre o acento em línguas da família tupi-guarani, além da análise de todas as propostas de estudo em tais línguas e, finalmente, a comparação entre as línguas estudadas e a posterior observação de possíveis tendências existentes que possam subjazer à família Tupi-Guarani.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: i) apresentação da família Tupi-Guarani e das línguas estudadas nesta dissertação; ii) uma seção introdutória dedicada à fundamentação teórica que apresenta um percurso histórico das concepções e definições do acento, a começar pelo estruturalismo até o advento dos modelos não-lineares; iii) em seção à

parte, dedicamo-nos a apresentar a Teoria Métrica Paramétrica de Hayes (1995), fundamentação principal de nossa pesquisa; iv) metodologia, onde são expostos os procedimentos fundamentais para a realização desta pesquisa; v) análises das línguas estudadas; vi) análise comparativa e resultados obtidos, e; vii) conclusão.

1. A família Tupi-Guarani

O Brasil possui, atualmente, cerca de 180 línguas indígenas faladas por etnias dispersas por praticamente todos os estados do país. A maioria dessas línguas pouco foi estudada, e questões linguísticas mais específicas, como o acento, quase não foram analisadas em profundidade.

Pioneiramente, Lemle (1971) esboçou uma classificação da família Tupi-Guarani analisando aspectos morfofonológicos de dez línguas distintas, tendo chegado ao seguinte organograma genealógico:

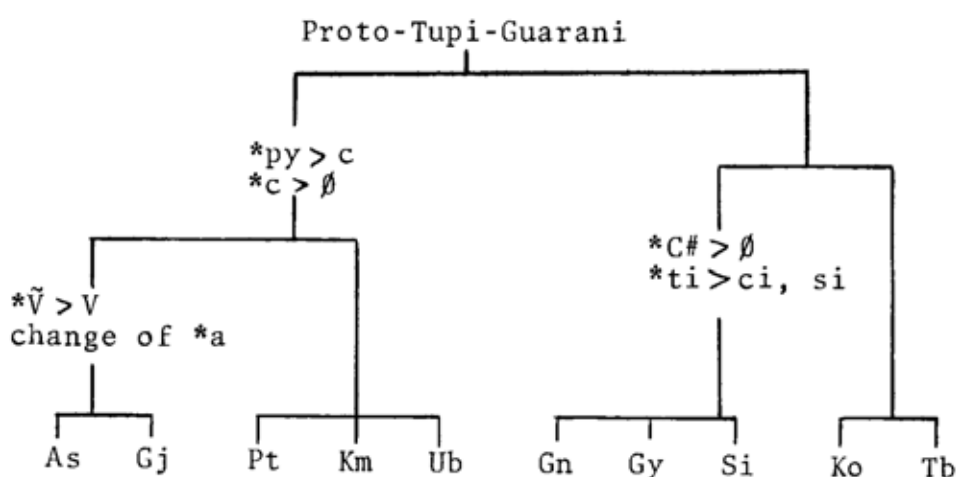


Figura 1. Organograma genealógico das línguas Tupi-Guarani (LEMLE 1971, p 128)

Segundo Lemle (1971) a família poderia ser subdividida em quatro grupos de acordo com as semelhanças entre as línguas: Asurini (As) e Guajajara (Gj); Parintintin (Pt), Kamaiurá (Km) e Urubu (Ub); Guarani (Gn), Guarayo (Gy) e Sirionó (Si); e Kokama (Ko) e Tupinambá (Tb). Como veremos a seguir, esta primeira tentativa de classificação foi um embrião para os estudos realizados posteriormente sobre o tema.

Em sua primeira classificação, Rodrigues (1985) agrupou 43 línguas e dialetos subdivididos em 8 ramos, de acordo com suas semelhanças e diferenças. A proposta inicial classificava os membros da família Tupi-Guarani da seguinte forma:

Ramo I	Guarani Antigo
	Kaiowá
	Nhandeva
	Mbya
	Xetá
	Guarani Paraguaio
	Izoceño (Chané)
	Chiriguano (Avá)
	Tapieté
	Guayaki (Axé)
Ramo II	Guarayo (Guarayú)
	Horá (Jorá)
	Sirionó
Ramo III	Tupi
	Língua Geral Paulista (Tupi Austral)
	Kokama
	Kokamiya (Cocamilla)
	Omágua
	Língua Geral Amazônica (Nhe'engatu)
Ramo IV	Tupinambá
	Tapirapé
	Asurini do Tocantins
	Parakanã
	Suruí do Tocantins (Mujetire)
	Avá-Canoeiro
	Guajajara
Tembé	
Ramo V	Araweté
	Kayabi
	Asurini do Xingu
Ramo VI	Apiaká
	Parintintin (Kagwahib)
	Tupi-Kawahib (Tupi do Machado, Pawaté, Wirafed, etc)
Ramo VII	Kamaiurá
Ramo VIII	Wayampí (Oyampi)
	Urubu
	Guajá
	Wayampipuku
	Emerillon,
	Turiwára
	Anambé
	Amanayé
	Takunhapé

Quadro 1. Classificação de Rodrigues (1985)

Para fazer tal classificação, Rodrigues (1985, p.35-36) utilizou os seguintes critérios linguísticos:

- a) Prefixos marcadores de sujeito comuns aos verbos intransitivos e transitivos em orações independentes, incluindo formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: a- ‘eu’, ere- ‘você’, já- ‘eu e você’, oro- ‘eu e ele’, pe- ‘você e ele’, o- ‘ele, eles’ (também ‘eu, você e ele’).
- b) Pronomes pessoais exprimindo possuidor, sujeito de verbos descritivos e objeto direto, assim como sujeito de verbos intransitivos em orações dependentes, incluindo formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: (i) txé ‘eu’, (e) né ‘você, jané ‘eu e você’, oré ‘eu e ele’, pe (‘ẽ) ‘você e ele’ (também atxé ‘eu, você e ele’)
- c) Prefixos relacionados incluindo r-, que assinala que o determinante da palavra prefixada é a palavra que a precede imediatamente, aplicável a uma classe de palavras que inclui ‘olho’, ‘rosto’, ‘lábio inferior’, ‘sangue’, ‘corpo’, ‘folha’, ‘casa’, ‘nome’; p. ex. Tupinambá (payé r-esá ‘olho do pajé’, xe r-esá ‘meu olho’)
- d) O fonema j (ou equivalentes álveo-palatais ou alveolares: tx, dj, ñ, z) em palavras como jatxý ‘lua’, jakú ‘jacu’, jy ‘machado’, jurú ‘boca’, ajurú ‘papagaio’, já’ẽ ‘vasilha de barro’, kujã ‘mulher’, júb ‘amarelo’, pajé ‘xamã’, pejú ‘soprar’
- e) O fonema tx (ou ts, s, h ou zero) em palavras como txý ‘mãe’, txók ‘larva’, -txu’u ‘morder, mastigar’, -watxú, -utxú ‘grande’, -ubitxáb ‘grande, importante, chefe’, txám ‘corda’, etxá ‘olho’, txo’ó ‘animal de caça’
- f) O fonema ts (ou s, h ou zero) em palavras como tsó ‘ir’, tsetá ‘são muitos’, otsenúb ‘ele o ouve’, pytsatsú ‘novo’, potsáng ‘remédio’, pytsyk ‘pegar’, pytsá- ‘noite’
- g) As palavras itá ‘pedra’ e eír ‘mel, abelha’ com i (e não wi, kwi ou ky).
- h) Vocabulário básico incluindo formas deriváveis fonologicamente de: jatxý ‘lua’, ybák ‘céu’, -atá ‘fogo’, jepe’áb ‘lenha’, ybyrá ‘pau’, -apó ‘raiz’, ka’á ‘mato’, - etxá ‘olho’, fi ‘nariz, bico’, jurú ‘boca’, namí ‘orelha’, jybá ‘braço’, poti’á ‘peito’, -etymã ‘(canela da) perna, -o’ó ‘carne’, abá ‘pessoa, quem?’, ma’é ‘coisa, que?’, pirá ‘peixe’, wyrá ‘ave’, kuyã ‘mulher’, pukú ‘comprido, poráng ‘bonito’, -obý ‘verde/azul’, péb ‘baixo, chato, plano’, mokõy ‘dois’, manõ ‘morrer’, me’eng ‘dar’, je’éng ‘falar’, apó ‘fazer’, atá ‘andar’, -epják ‘ver, ma’ẽ ‘olhar’.
- i) A palavra petým (e não ‘pé) ‘fumo, tabaco’ (literalmente ‘tabaco plantado’).

Em um segundo momento, Rodrigues e Cabral (2002) realizaram uma revisão da classificação inicialmente proposta por Rodrigues (1985), sob a alegação de que estudos produzidos nas últimas décadas forneceram a possibilidade da inclusão de mais critérios e, conseqüentemente, ensejaram uma reavaliação crítica da composição dos grupos, com a inclusão de algumas línguas e a exclusão de outras.

As línguas Kokama, Kokamiya e Omágua foram excluídas da família por apresentarem correspondências muito irregulares com as outras línguas Tupi-Guarani. As conclusões a que chegaram Rodrigues e Cabral (2002) são de que estas três línguas teriam sofrido a influência de comunidades falantes de Tupi ou Tupinambá em algum momento da história e que esta língua exerceu influência sobre as demais supracitadas. Também foram encontradas evidências linguísticas de influências Aruak e outras línguas no Kokama, no Kokamiya e no Omágua.

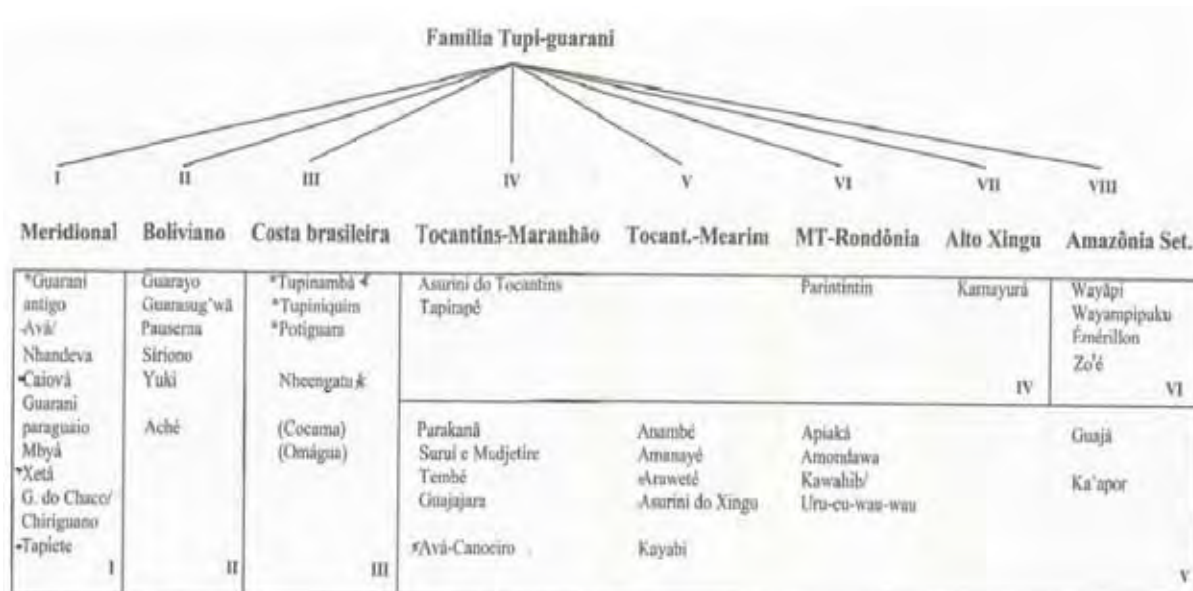
O Jo'ê, inicialmente considerado fora da família, é incluído no grupo VIII, por possuir consideráveis semelhanças com o Emerillon e o Wayampi (CABRAL, 1998). O Kayabi, por seu turno, antes pertencente ao grupo V, passa a fazer parte do ramo VI.

O quadro abaixo representa esta segunda classificação das línguas da família Tupi-Guarani:

Ramo I (Guarani Meridional)	Guarani Antigo
	Guarani (Kaiowá, Nhandeva e Paraguaio)
	Mbya
	Xetá
	Tapieté, Chiriguano (Avá), Izoceño (Chané)
	Guayaki (Axé)
Ramo II (Guarani Guaporé-Mamoré-Paraguai-Paraná)	Guarayo (Guarayú)
	Sirionó, Horá (Jorá)
Ramo III (Tupi da Costa Brasileira)	Tupí, Língua Geral Paulista (Tupi Austral)
	Tupinambá, Língua Geral Amazônica (Nhe'engatu)
Ramo IV (Asurini-Tenetehara-Tapirapé)	Tapirapé
	Asurini do Tocantins, Parakanã, Suruí (Mujetire)
	Avá-Canoeiro
	Tembé, Guajajara, Turiwára
Ramo V (Xingu-Tocantins-Gurupi)	Araweté, Ararandewára-Amanajé, Anambé do Cairarí
	Asurini do Xingu
Ramo VI (Norte do Mato Grosso e Rondônia)	Kayabi, Apiaká
	Parintintin (Kagwahib), Tupi-Kawahíb (Tupi do Machado, Pawaté, Wirafed, Uruewauwau, Amondáva, Karipúna, etc.)
	Juma
Ramo VII (Alto Xingu)	Kamaiurá
Ramo VIII (Amazônico Setentrional)	Wayampí, Wayampipuku, Emerillon, Jo'ê
	Urubu-Ka'apor, Anambé de Ehrenreich
	Guajá
	Awré e Awrá
	Takunhapé

Quadro 2. Classificação de Rodrigues e Cabral (2002)

Dietrich (2010) – tomando como base a classificação feita por Rodrigues e Cabral (2002) – realiza um novo agrupamento, considerando, além de aspectos linguísticos, referenciais geográficos. O quadro esquematizado desta classificação encontra-se abaixo:



Quadro 3. Classificação de Dietrich (2010, p 25)

Utilizaremos nesta pesquisa a classificação proposta por Rodrigues e Cabral (2002), considerando que até o presente momento é o estudo mais completo e, portanto, o mais utilizado por estudiosos de línguas indígenas, o que não significa, porém, que esta relação não seja passível de questionamentos, visto que, com futuros estudos que venham a ser feitos sobre as línguas da família, é possível que esta classificação seja alterada no decurso do porvir.

Dentre todas as famílias linguísticas pertencentes ao tronco Tupi, sabe-se que a Tupi-Guarani é a que mais se encontra dispersa pelo território brasileiro. Através do mapa abaixo, pode-se observar a existência de línguas da família distribuídas pelas cinco regiões do Brasil (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste), além da Argentina, Paraguai, Bolívia e Colômbia.



Mapa 1. Localização de algumas das línguas da família Tupi-Guarani (Adaptado de MELLO, 2000, p.13)

Nesta pesquisa, nos dedicaremos ao estudo do acento em nove línguas da família Tupi-Guarani, que terão, a seguir, uma breve apresentação:

1.1. Asurini do Xingu

Existem dois grupos Asurini: os Asurini do Xingu, cuja língua será aqui estudada, e os Asurini do Tocantins (ou Trocará). Acredita-se que esses dois grupos tenham uma origem em comum, mas que devido a fugas e confrontos o grupo – antes coeso – tenha se dispersado (PEREIRA, 2009, p. 44).

Segundo dados da Funai, a população Assurini é de 154 membros localizados em uma única aldeia à margem direita do Rio Xingu, na Terra Indígena Koatinemo (PA). De acordo com informações do Instituto Socioambiental (ISA), todos são falantes de Asurini como língua materna e os membros mais jovens – com menos de 40 anos – são bilíngues (Asurini-Português).

A língua Asurini foi classificada por Rodrigues e Cabral (2002) como pertencente ao Subgrupo V da família Tupi-Guarani.

As primeiras notícias sobre contatos estabelecidos com os Asurini datam de finais do século XIX (NIMUENDAJÚ, 1948), com relatos de séries de ataques mútuos entre indígenas e brancos. O primeiro contato não hostil, porém, só veio a ocorrer em 1971, sob a intervenção da FUNAI (PEREIRA, 2009, p. 44).

1.2. Xetá

Atualmente, índios Xetá remanescentes não estão organizados em sociedades, nem compartilham de locais ou aldeias em comum. Originalmente, esses índios ocupavam a região conhecida por Serra dos Dourados, no noroeste paranaense, porém, com os sucessivos *massacres* sofridos pela população, os habitantes restantes dispersaram-se por territórios, tribos e estados vizinhos (São Paulo e Santa Catarina). Entre antigos membros da aldeia e seus descendentes, estima-se que existam 86 Xetá (VASCONCELOS, 2008), sendo que apenas um homem ainda fala o idioma e uma mulher apenas o compreende (isto é, sua competência é exclusivamente passiva). Todos os demais se comunicam exclusivamente em português.

1.3. Kamaiurá

Língua do Subgrupo VII da família Tupi-Guarani, o Kamaiurá conta hoje com 467 falantes localizados no Parque Nacional do Xingu na região conhecida como Alto Xingu, distribuídos em duas aldeias (SEKI, 2000, p.31).

Os Kamaiurá estabeleceram contato com o homem branco pela primeira vez em 1884, em consequência da expedição de Karl von den Steiner, que desbravava a região ao entorno do Rio Xingu. Os contatos mais regulares entre a etnia e o “mundo civilizado” deram-se somente a partir da segunda metade da década de 1940 através da conhecida Expedição Roncador-Xingu que os irmãos Vilas-Bôas (Orlando, Cláudio e Leonardo) empreenderam (SEKI, 2000, p.37).

Sabe-se que este povo não tem sua origem na região do rio Xingu e há teorias que aleguem ser da região Norte brasileira o território de origem dos Kamaiurá.

1.4. Avá-Canoeiro¹

Estima-se que existam 18 Avá-Canoeiro vivendo em aldeias que estabelecem contato permanente com a “sociedade branca” e a FUNAI. Porém, ainda não se sabe ao certo quantos indivíduos possui a etnia no total, pois existem pelo menos mais duas aldeias isoladas do contato com o branco. Dos grupos em contato com a Funai, há algumas aldeias que se localizam às margens do rio Araguaia e outras próximas ao rio Tocantins, nos estados de Goiás e Tocantins.

Os Avá-Canoeiro eram conhecidos por sua belicosidade e inúmeros conflitos com o homem branco até a metade do século passado. Acredita-se que seja devido a esses conflitos que a população do grupo tenha diminuído drasticamente ao ponto de quase terem desaparecido como etnia.

1.5. Guarani Mbya

Consensualmente, considera-se que existam no Brasil três variedades linguísticas do Guarani: Nhandeva, Kaiowá e Mbyá. Dessas três, é o Mbya que possui a população mais

¹ Parte das informações apresentadas sobre as línguas Avá-Canoeiro, Guarani Mbya, Tapieté, Tupi e Nheengatu pode ser encontrada no sítio <http://pib.socioambiental.org> [acessado em 14 de setembro de 2012].

dispersa, com aldeias em oito estados (ES, PA, PR, RJ, RS, SC, SP, TO) e três países (Brasil, Argentina e Paraguai). A população estimada dos Guarani é de cerca de 51.000 indivíduos, sendo que aproximadamente 7.000 são da etnia Mbya.

Diferentemente das línguas anteriores, o histórico de contato dos Guarani com o não-índio data do século XVI, principalmente devido ao fato de estarem próximos do litoral e de habitarem algumas regiões mais densamente povoadas pela população não indígena, como o Sudeste e o Sul.

1.6. Araweté

Língua falada pela etnia homônima possui atualmente cerca de 440 falantes, localizados em única aldeia no estado do PA. Os Araweté são conhecidos pelos seus vários deslocamentos no decorrer séculos, o que pode explicar as diferenças linguísticas e culturais entre este povo e seus outros “vizinhos” Tupi-Guarani (ARNAUD, 1978). Não se sabe ao certo qual a região de sua origem.

Os Araweté eram desconhecidos até meados dos anos 1970, quando foram pela primeira vez contatados pela FUNAI ao fugirem de ataques dos Kayapó. Acredita-se que este grupo seja originário da região do rio Bacajá (ALVES, 2008, p.18) e de lá tenha migrado para o rio Xingu.

1.7. Tapieté

Os Tapieté são os únicos dentre os povos cujas línguas são aqui estudadas que não vivem em território brasileiro. Os índios desta etnia vivem na Argentina e na região fronteiriça entre Paraguai e Bolívia. São conhecidos como Ñandevá – deve-se distinguir dos Guarani Nhandeva brasileiros, pois são de etnias e línguas diferentes – e formam uma população de cerca de 2560 indivíduos, dentre os quais aproximadamente 1950 falam a língua. Muitos consideram o Tapieté um dialeto do Chiriguano (Guarani do Chaco).

1.8. Tupi

O tupi antigo foi amplamente falado em toda a costa brasileira por diversos grupos indígenas, como os Potiguara, os Caeté, os Tupinambá, os Temiminó, os Tabajara, etc. Foi até o século XVIII utilizado como Língua Geral, sendo o idioma mais falado pela população do Brasil – tanto por índios, negros ou europeus – caindo em declínio até praticamente desaparecer no século XIX. Foi pioneiramente descrito em uma gramática pelo jesuíta José de Anchieta, que também escreveu poemas, autos e produziu versões para a língua.

A língua foi certamente a mais estudada dentre todas as línguas indígenas brasileiras. Falada em grande parte da costa até o século XVII, a língua foi a primeira com a qual os colonizadores portugueses e jesuítas tiveram contato no país, tendo sido a base para, posteriormente, a formação das chamadas Línguas Gerais. Como veremos em seção dedicada à análise da língua, há controvérsias quanto ao que se denomina Tupi e Tupinambá, se ambas são línguas distintas ou se são dialetos de um mesmo idioma.

1.9. Nheengatu

Diferentemente dos outros casos apresentados até o momento, o Nheengatu não é uma língua específica de um povo, mas sim uma língua geral que se desenvolveu a partir do Tupi (principalmente da variante Tupinambá) para exercer a função de idioma de comunicação entre índios e/ou não-índios. Atualmente, o Nheengatu é falado por indígenas de diferentes etnias e comunidades caboclas às margens do rio Negro.

2. Fundamentação teórica sobre o acento

Nesta seção e na seguinte serão tratados os temas atinentes ao sustentáculo teórico para as análises que serão apresentadas nesta dissertação. Como a base central deste estudo está na discussão de padrões acentuais nas línguas Tupi-Guarani, faz-se necessária uma discussão sobre o que é o acento, e como este componente fonológico foi discutido por linguistas e estudiosos de diferentes correntes teóricas ao longo dos anos.

2.1. As várias definições de acento

No *Novo Dicionário Aurélio*, há a seguinte entrada para o vocábulo *acento*:

Acento. [Do lat. *Accentu.*] *S.m.* **1. Fon.** A maior intensidade (3) com que, numa enunciação, a emissão de uma sílaba se opõe às que lhe são contíguas. **2.** Símbolo gráfico indicativo de acento (1). São, em português: *a)* o *acento agudo*, empregado para assinalar vogais tônicas *a, i* e *u*: *página, aí, baú*, e as vogais tônicas abertas *e* e *o*: *pajé, etéreo, ósculo, herói*; *b)* o *acento grave*, apenas empregado de acordo com as normas ortográficas vigentes, para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a, as*) e com os pronomes demonstrativos (*a, as, aquele, aquela, aquilo, aqueles, aquelas*): *O político falou às massas; Refiro-me àquela pessoa que sabes; Quanto àquilo, nada sei*; *c)* o *acento circunflexo*, empregado para indicar o timbre fechado das vogais tônicas *e* e *o*, assim como do *a* seguido de *m* e *n*: *três, [...] pôs, abdômen* [q. v.], *câmbio, cântico*.

(FERREIRA, 1986, p.21)

A primeira definição elencada por Ferreira explica o acento segundo suas características fonética enquanto a segunda definição – mais extensa – utiliza a ortografia como referencial.

Para citar outro exemplo, encontramos em um livro didático de português chamado *Português: linguagens*, voltado para o primeiro ano do ensino médio, dos autores Cereja e Magalhães (2010, p.241). Após apresentarem uma charge que continha a oposição entre as palavras *camelo* e *camelô* como mote humorístico, fazem as seguintes observações acerca do conceito de *acento*:

- Algumas palavras têm *acento gráfico* e outras não;
- Na pronúncia das palavras, ora se dá pela *maior intensidade sonora* a uma sílaba, ora a outra.

Assim, as palavras da nossa língua têm dois tipos de acento, de naturezas distintas:

- O *acento tônico*, que corresponde à maior intensidade sonora com que se pronuncia certa sílaba das palavras – a *sílaba tônica*;
- O *acento gráfico*, sinal utilizado para indicar sílaba tônica de certas palavras

(CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p.241)

O que podemos observar nesses dois exemplos é a tendência em se relacionar acento tônico a acento gráfico. Este, no mais das vezes, é apenas uma mera representação escrita daquele, que é um fenômeno de grande complexidade e envolve diversos fatores para sua realização.

Já nos excertos que se sucedem – retirados de uma gramática normativa – bosqueja-se uma descrição um pouco melhor do que seria o acento:

Acentuação, em sentido geral, é o relevo dado a um elemento fonético.

O estudo especial da acentuação denomina-se – *prosódia*.

Resulta o acento da íntima associação de certas qualidades físicas dos sons da fala, tais como: a *intensidade* (maior ou menos força expiratória com que são proferidos); a *altura* (maior ou menos frequência (sic) com que vibram as cordas vocais); o *timbre* (ou metal de voz); e a *quantidade* (maior ou menor duração com que são emitidos).

Em sentido estrito [...] entende-se por acento a maior força expiratória com que uma sílaba se opõe às que lhe ficam contíguas no corpo dos vocábulos.

(ROCHA LIMA, 2008, p.28)

O que em fonética se denomina *acento* é o que comumente a Gramática Tradicional dá o nome de *tonicidade* (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2006, p.113), realizando divisões das palavras da língua portuguesa em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Foneticamente, a ocorrência do acento se manifesta a partir de modificações físicas manifestadas no decorrer da produção da fala, que resultam na produção de sílabas mais salientes.

Segundo Ladefoged (2006, p.110) uma sílaba acentuada é normalmente resultado de uma maior expiração (saída de ar) dos pulmões e, eventualmente, maior atividade da laringe em relação às outras sílabas. Uma sílaba tônica tem, portanto, uma energia maior do que suas vizinhas átonas.

Seriam três os principais correlatos fonéticos do acento: frequência, intensidade e duração. A ordem de relevância entre estes três fenômenos pode variar entre uma língua a outra, o que significa que, enquanto uma determinada língua leva em consideração a intensidade no momento de emissão de uma sílaba saliente, outra pode considerar a duração como o fator mais determinante para a atribuição do acento.

Um acento de frequência – também chamado de acento de altura – está relacionado à maior constância com que as pregas vocais vibram durante a produção de determinado som. Trata-se de uma relação diretamente proporcional: quanto maior a vibração das pregas vocais, maior será a frequência do som emitido.

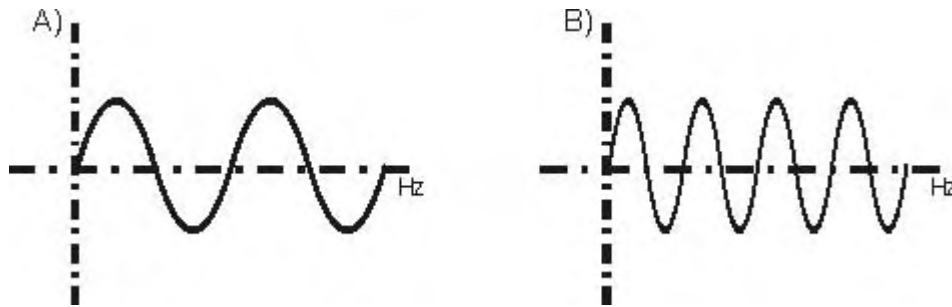


Figura 2. Ilustração de vibração de som com baixa (A) e alta (B) frequência. Nota-se também a maior quantidade de ciclos de (B) em relação a (A). (MELLO, 1992, p.8)

Um som de baixa vibração é o que se popularmente denomina como *grave*, enquanto o de alta vibração é conhecido como *agudo*. É importante salientar que ademais de sua função determinante para a marcação do acento tônico em algumas línguas, a altura é o correlato fonético mais importante no fenômeno do *pitch* e na atribuição do tom, no caso de línguas tonais.

Em línguas em que inexistente variação tonal em nível fonológico, o recurso de variação melódica é frequentemente utilizado para fins discursivos, tais como em frases interrogativas, exclamativas, etc. Neste caso, a variação de altura teria somente valor prosódico e não fonológico.

A intensidade, por sua vez, indica a força com a qual o falante pronuncia um som. Um som mais intenso é aquele expelido com mais força a partir dos pulmões. Um som mais intenso apresenta uma maior amplitude de suas ondas.

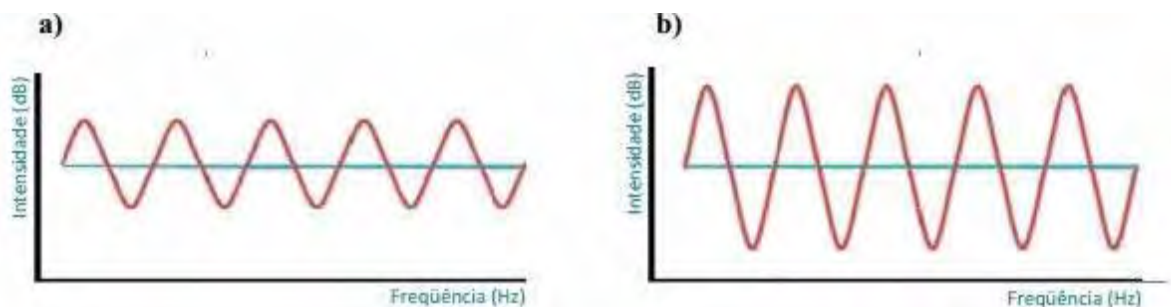


Figura 3. Ilustração sobre a variação de intensidade em sons com mesma quantidade de ciclos (igual frequência). Em (B), temos um som com maior amplitude que (A) (CABRAL, 2009, p.17)

Em um sistema de atribuição do acento que leva em consideração primordialmente a intensidade, as sílabas expelidas com maior intensidade (maior amplitude) por parte do falante serão, via de regra, as sílabas portadoras do acento.

Por fim, há a duração, que nada mais é do que a extensão cronológica da produção de um som pelo falante. Um som de maior duração é aquele que se prolonga mais por ter um maior tempo de produção.

Adentrando agora os campos da fonologia estruturalista, Lopes faz as seguintes considerações sobre a natureza do acento:

Por si só, o acento é incapaz de distinguir entre palavras de sentido diferente. Ele individualiza apenas sílabas, operando sempre numa sequência mínima de duas, das quais uma é *tônica* ou acentuada, e a outra é *átone* ou não-acentuada. [...] O que distingue entre (esp.) “*término*” “*término*”, “*termino*” “*termino*” e “*terminó*” “*terminou*” é o esquema acentual /‘ _ _ / que contrasta com / _ ‘ _ / e com / _ _ ‘ /. [...] Essa distinção, portanto, não é fonológica; num e noutro caso trata-se dos mesmos fonemas, e não de fonemas diferentes. Não há, aí, confrontação, em nossa memória da língua, com unidades do código *em absentia* da cadeia, o que caracteriza a função de oposição.

(LOPES, 1981, pp. 122-4)

Pode-se observar, por conseguinte, que o estruturalismo preocupava-se com o estudo dos fonemas, consideradas até então as menores unidades linguísticas, e tudo o que não fosse visto como um fonema era considerado como “não fonológico”.

Também de formação estruturalista, Câmara Jr. (2002 [1970], p.63), porém, preocupado em estudar de maneira mais exaustiva a natureza do acento no português, proferiu a seguinte definição: “[o acento] é uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal ou sílaba em contraste com as demais vogais silábicas. [...] A sua presença assinala a existência de um vocábulo”.

Aplicando essa definição ao português do Brasil, Câmara Jr. (2002 [1970], p.63) atribui uma gradação de 0 a 3 para cada tipo de sílaba/vogal de acordo com seu potencial de tonicidade, sendo 0 para a sílaba imediatamente posterior à tônica, 1 para a pretônica e 3 para a tônica principal. No caso de junção de dois vocábulos, a sílaba/vogal tônica do primeiro vocábulo receberá o grau 2 (acento secundário) enquanto a tônica do último vocábulo receberá o grau 3 (acento principal). Para melhor ilustrar esse conceito, utilizemos um exemplo retirado do próprio Câmara Jr (2002 [1970], p.64):

(1) Ha-bi-li-da-de

1 1 1 3 0

(2) Há-bil i-da-de

2 0 1 3 0

Na primeira palavra, *habilidade*, temos como tônica a sílaba *da* e, por isso, atribuiu-se-lhe a gradação 3. As sílabas anteriores receberam grau 1 e a sílaba imediatamente posterior à tônica, grau 0. No segundo exemplo temos a expressão *hábil idade*, sendo a tônica da primeira palavra *há*, de nível 2, e *da*, a tônica da segunda palavra, de nível 3.

No caso do português, língua cujo mecanismo de acentuação se dá a partir da direita para a esquerda, a tônica principal (de grau 3) sempre pertencerá à última palavra.

Para realizar análises como esta, Câmara Júnior (2002 [1970]) parte do princípio de que só é possível determinar que uma sílaba seja tônica ou átona quando a comparamos com as demais. Isso significa que o *da* de *habilidade* e *hábil idade* só é considerado tônico porque, comparativamente, é a sílaba mais saliente dentre todas as outras.

2.2. O acento e outros constituintes prosódicos segundo Chomsky e Halle

O pilar central da Teoria Gerativa é a proposta de que a língua é o resultado de uma capacidade inata do cérebro humano e exclusiva de nossa espécie. Todos os indivíduos já nasceriam com a habilidade de desenvolver a linguagem no decorrer do crescimento, e, devido a essa concepção, o gerativismo é conhecido por defender uma teoria inatista da linguagem. A linha de pensamento inatista vai de encontro ao que os chamados comportamentalistas (ou *behavioristas*, como também são conhecidos) propunham: que o indivíduo só desenvolveria a capacidade de se comunicar, ou seja, só aprenderia a língua, em contato e interação com seus semelhantes. Skinner, pai do *behaviorismo*, acreditava que era a partir de estímulos linguísticos do ambiente que a criança passaria a produzir respostas verbais.

Uma das grandes inovações da teoria gerativa padrão foi a alteração do conceito de unidade mínima em fonologia. Enquanto no estruturalismo (também chamado de fonêmica na

vertente americana pikeana), o fonema era considerado a unidade mínima, no gerativismo, este mesmo fonema passa a possuir marcadores abstratos de propriedades, denominados traços distintivos. Os traços distintivos são binários, pois marcam a presença ([+]) ou a ausência ([-]) de determinada propriedade.

O quadro abaixo é uma sistematização dos traços distintivos mais relevantes aplicados aos fonemas do Português Brasileiro, considerando-se a teoria de Chomsky e Halle (1968):

Traço distintivo	p	b	t	d	k	g	tʃ	dʒ	f	v	s	z	ʃ	ʒ	h	m	n	ɲ	l	ʎ	r	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u	ɨ	ɯ	
consonantal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
silábico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
soante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
contínuo	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
soltura retardada	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
nasal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
lateral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
anterior	+	+	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	+	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
coronal	-	-	+	+	-	-	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
alto	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	+
posterior	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+
arredondado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	+
baixo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	
vozeado	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
tenso	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-
estridente	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
ATR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	+	-	

Quadro 4. Fonemas do português brasileiro e seus respectivos traços. Retirado de Silva (2011, p.212)

A Fonologia Gerativa Padrão de Chomsky e Halle (1968) via o acento, o tom e a noção de silabificação apenas como propriedades – ou melhor, um dos traços distintivos ([±acento], [±silábico]) – relacionados a uma vogal. Para melhor ilustrar, utilizemos como exemplo a palavra *mala* [ˈma.la]:

	<u>Constituinte</u>			
<u>Traço distintivo</u>	/m/	/a/	/l/	/a/
<i>Consonantal</i>	+	-	+	-
<i>Silábico</i>	+	+	+	+
<i>Soante</i>	+	+	+	+
<i>Contínuo</i>	-	+	+	+
<i>Acentuado</i>	-	+	-	-
<i>Anterior</i>	+	-	+	-
<i>Vozeado</i>	+	+	+	+
<i>Alto</i>	-	-	-	-
<i>Nasal</i>	+	-	-	-

Quadro 5. Matriz de traços distintivos da palavra “mala”.

Vemos, através da análise acima, como se dava a relação entre constituintes e seus traços distintivos. Essa vinculação pode ser chamada de bijetiva, já que apresenta uma relação de “um para um” entre um determinado segmento e o rol de traços que o caracteriza. Segundo esse entendimento, um traço não pode se estender além daquele segmento no qual se relaciona e se, por ventura, um determinado segmento for apagado, todos os traços que o compõem também desaparecerão.

Ainda acerca do método de análise da teoria gerativa padrão, descreve Massini-Cagliari (1999, p.71):

No momento inicial da teoria gerativa, as descrições fonológicas caracterizavam-se por uma organização linear dos segmentos e por um conjunto de regras cujo domínio de aplicação era implicitamente definido em termos de fronteiras contidas na estrutura superficial dos constituintes morfo-sintáticos – cf. Chomsky & Halle (1968) [...]. Sendo assim, a interação entre a fonologia e o resto da gramática limitava-se a uma interface

com a sintaxe, em que o *output* do componente sintático constituía o *input* do componente fonológico.

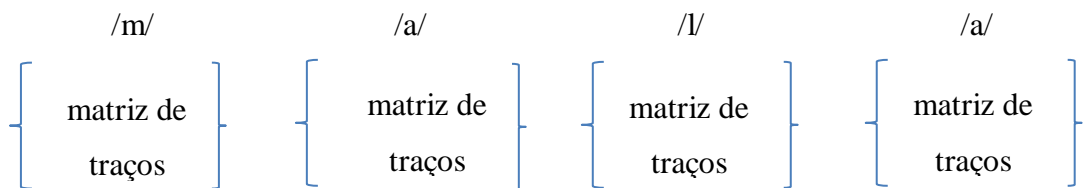
2.3. Fonologias Não lineares

Nos últimos 35 anos, porém, surgiram teorias que questionavam a visão da teoria gerativa sobre a fonologia. Grande parte dessa reação se deveu ao fato de o gerativismo de Chomsky e Halle não ter sucesso em explicar satisfatoriamente os conceitos de sílaba, tom e acento.

Diz-se que a fonologia gerativa e modelos teóricos a ela anteriores tratavam a organização dos segmentos de forma linear, não considerando a existência de qualquer hierarquia entre componentes fonológicos, que seriam representados através de uma relação de um-para-um:

(3) “mala” - [ˈma.la]

/mala/



O exemplo acima ilustra o método pelo qual a fonologia gerativa de Chomsky & Halle representava a relação entre esses segmentos: o que vemos é que tanto os fonemas quanto seus traços distintivos estão dispostos de forma sequencial (linear) e mantêm-se desprovidos de qualquer organização hierárquica. Com o advento das teorias não lineares, há a quebra desta sequência com a decomposição dos vários componentes, agora organizados em uma estrutura hierárquica.

As teorias fonológicas de orientação não linear tinham como inovações teóricas as seguintes características: a) reintrodução das noções de sílaba e pé métrico; b) estrutura silábica, acento e tom tratados de forma não linear; c) maiores possibilidades teóricas de interação da fonologia com outros componentes da gramática: fonologia-morfologia (modelo lexical) e fonologia-sintaxe/semântica/discurso (modelo prosódico); d) relação de hierarquia entre constituintes prosódicos.

A teoria desenvolvida por Goldsmith (1976) sobre o tom serviu de embrião para o surgimento daquela que viria a ser chamada de Fonologia Autossegmental, ao passo que os estudos de Liberman e Prince (1977) seriam a espinha dorsal da Teoria Métrica.

Atualmente, fazem parte da chamada Fonologia Não linear, além da Teoria Métrica e da Teoria Autossegmental (e seu sub-ramo, a Geometria de Traços), a Teoria Lexical e a Teoria Prosódica.

2.3.1. Teoria Lexical

O papel do léxico nos estudos linguísticos foi, até o gerativismo de Chomsky e Halle – em seu *Sound Pattern of English* –, um tanto quanto nebuloso, não havendo uma sistematização de regras e fenômenos que fosse atribuída a esse componente. Era de praxe considerar fenômenos regulares como pertencentes aos domínios fonológicos, sintáticos ou semânticos. Esse panorama só começou a tomar outras formas com o advento da Fonologia Lexical.

Na formação de palavras – em qualquer língua que seja – uma série de processos fonológicos podem influir nesse fenômeno.

A Fonologia Lexical (FL), cuja proposta inicial surgiu com Kiparsky (1982) e Mohanan (1982), sugeriu uma nova alternativa de análise ao atribuir-se ao léxico parte das regras fonológicas, provocando assim uma maior interação entre componentes fonológicos e componentes morfológicos.

Em trabalho pioneiro na utilização de FL no português brasileiro, Lee (1995, p.6) faz as seguintes observações:

As representações lexicais são as palavras geradas pelo léxico, que, inseridas nas estruturas sintáticas, permitem a construção de sintagmas através de regras de inserção lexical. Finalmente, os sintagmas da sintaxe passam pelo componente fonológico pós lexical para terem realização fonética. [...] Há dois tipos distintos de regras fonológicas: um tipo se aplica no léxico, que corresponde às chamadas Regras Lexicais; um outro tipo, cuja aplicação se dá na saída da sintaxe, fora do léxico, e que corresponde às chamadas Regras Pós-lexicais.

Segundo este modelo, a aplicação dessas regras fonológicas pode se dar em dois momentos: na aplicação lexical e na aplicação pós lexical.

Abaixo, encontra-se esquematizado esse processo de interação:

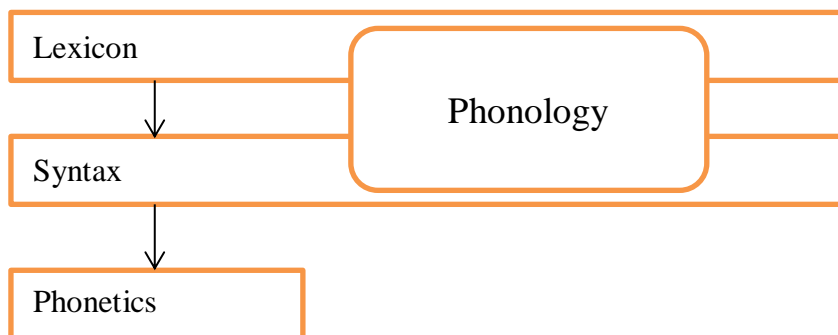


Figura 4. Interação entre Fonologia, Léxico e Sintaxe. Adaptado de Pulleyblank (1986, p.8)

Esse fluxograma esquematiza a existência de uma relação entre léxico → sintaxe → fonética ao mesmo tempo em que mostra uma intersecção da fonologia com o léxico e com a sintaxe. Quando afirmamos que uma determinada regra fonológica é de aplicação lexical, significa que há uma maior interação entre a fonologia e o léxico. Já quando uma regra é de aplicação pós-lexical, quer dizer que ocorre uma maior interação entre a fonologia e a sintaxe.

Kiparsky (1982) e Pulleyblank (1986) estabeleceram algumas regras distintivas entre cada aplicação que serão esquematizadas abaixo:

Regras lexicais	Regras pós-lexicais
Podem se referir à estrutura interna da palavra.	Não podem se referir à estrutura interna da palavra.
Cíclicas.	Não cíclicas.
São preservadoras, obedecendo ao Princípio de Preservação da Estrutura.	Não são preservadoras. Não obedecem ao Princípio de Preservação da Estrutura.
Precedem todas as aplicações de regras pós-lexicais.	Sucedem todas as aplicações de regras lexicais.
Podem ter exceções.	Não podem ter exceções.
Sujeitam-se à ordem disjuntiva	Sujeitam-se à ordem conjuntiva.
Suas regras não podem se aplicar entre palavras.	Suas regras se aplicam entre palavras.
Sensíveis a informações morfológicas.	Insensíveis a informações morfológicas.

Quadro 6. Diferenças entre regras lexicais e pós-lexicais.

Como forma de ilustração do funcionamento do Princípio de Preservação da Estrutura, Migliorini (2008, p. 70) utiliza dois exemplos de epêntese no português brasileiro: nas palavras *Unesp* (*Unespi*) e *arroz* (*arroiz*). Migliorini alega que, seguindo Kiparsky (1982), a epêntese em *Unesp* segue uma regra de aplicação lexical pois visa preservar as estruturas silábicas mais produtivas na língua – neste caso CV - visto que não é permitido segundo as regras de nossa língua [p] em posição de coda. Já em *arroz*, o fenômeno de epêntese segue uma regra de aplicação pós-lexical, pois a sílaba final /xoS/ é passível de realização em português.

2.3.2. Fonologia Prosódica e a hierarquia de constituintes prosódicos

Viu-se que uma das principais inovações da fonologia não linear foi a introdução do conceito de hierarquia entre constituintes prosódicos. Os conceitos iniciais encontram-se nos trabalhos de Liberman (1975), Prince (1975), Liberman e Prince (1977) e Selkirk (1980) e o trabalho pioneiro em sistematizar essa organização hierárquica foi o livro *Prosodic Phonology*, de Nespôr e Vogel (1986). Todos esses trabalhos formam as bases da Fonologia Prosódica.

Segundo a teoria de domínios de Nespôr e Vogel (1986), a relação entre esses elementos através de níveis hierárquicos está organizada da seguinte forma (em gradação decrescente):

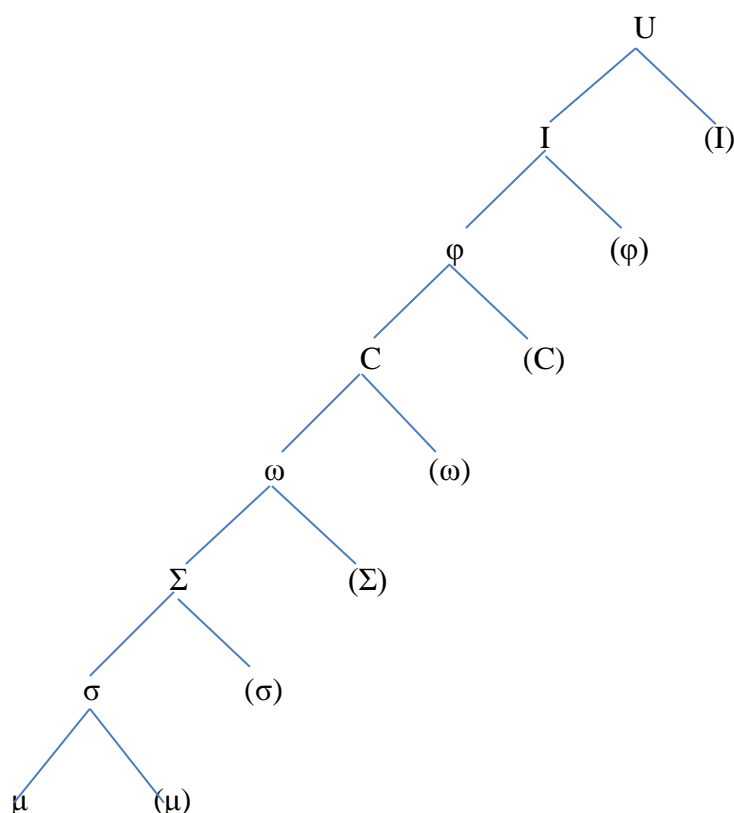
(4)

Enunciado	U
Frase Fonológica	I
Frase Entoacional	φ
Grupo Clítico	C
Palavra Fonológica	ω
Pé	Σ
Sílaba	σ

Inicialmente, Nespore e Vogel (1986) consideravam a sílaba como a menor unidade prosódica, Hyman (1985), porém, defende a ideia de que a sílaba é constituída por unidades menores chamadas moras (μ), que têm como função contribuir para atribuição do peso silábico.

Com base nos estudos de Nespore e Vogel (1986) e Hyman (1985), podemos representar a hierarquia entre os constituintes prosódicos da seguinte forma:

(5)



Bisol (2005) sintetiza os princípios regulatórios da hierarquia prosódica proposta por Nespore e Vogel da seguinte forma:

- i) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- ii) cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui valor forte (s) e a todos os demais valor fraco (w)

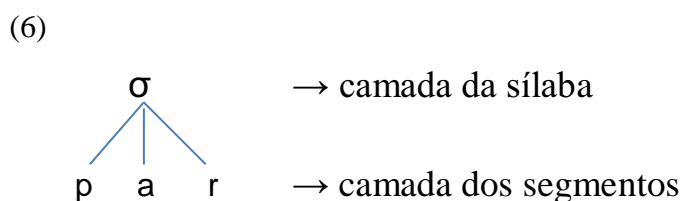
Bisol (2005b, p. 244).

Para os fins desta dissertação, ater-nos-emos apenas à apresentação dos conceitos de mora, sílaba e pé.

2.3.2.1. Sílaba (σ)

Muito valorizada na Antiguidade, a sílaba passou por um grande período de esquecimento até reencontrar seu espaço na Fonologia não linear, onde serviu como base para os estudos de ritmo, do pé métrico e do acento. Hooper (1976) e Kahn (1976) foram os pioneiros a apresentar a sílaba como uma unidade fonológica.

Kahn (1976), por exemplo, considerava a existência de duas camadas independentes, sendo a primeira a camada da sílaba e, imediatamente inferior a esta e ligada diretamente, a camada dos segmentos:



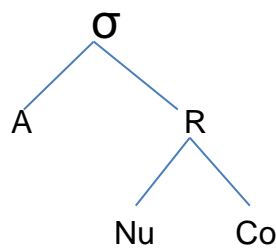
Adaptado de Collischonn (2005a, p.101)

Teorias não lineares passaram então a considerar a sílaba como um componente fonológico por algumas razões, posteriormente elencadas por Broselow (1996, pp. 158-60: a) existência de processos ou restrições fonológicas que levam a sílaba como seu domínio de aplicação, tais como o acento e o tom. Estas regras e restrições são sensíveis a um domínio que é maior do que o segmento menor do que a palavra; b) existência de regras fonológicas que se aplicam nos limites da sílaba. Em todas as línguas, as bordas silábicas correspondem a bordas de palavras ou enunciados, e regras como a aspiração vocálica estão intimamente relacionadas aos limites silábicos. Limites que podem ser tanto o inicial (caso do inglês, por exemplo) como o final (Maia Yucatec); c) o fato de a sílaba ser objeto jogos de linguagem, como a conhecida “língua do P”; d) intuição e consciência do falante nativo da existência da sílaba.

O embrião da teoria métrica da sílaba iniciou-se com a publicação de “On Stress and Linguistic Rhythm” (LIBERMAN; PRINCE, 1977), e os trabalhos na área de fonologia que se seguiram (SELKIRK, 1980; HOGG; McCULLY, 1987; GOLDSMITH, 1990) buscaram sistematizar o funcionamento da estrutura interna da sílaba.

Segundo Hogg e McCully (1987), a sílaba é constituída por um onset (O) – também chamado em português de ataque (A) – e por uma rima (R). A rima, por sua vez, é dividida entre Núcleo (Nu) e Coda (Co). Uma sílaba pode ser vazia em todos os seus atributos, com exceção do núcleo:

(7)



Hogg e McCully (1987) explicam esta composição da seguinte forma:

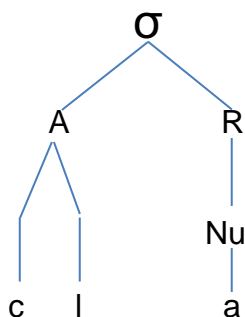
We can claim that the syllable is composed of three parts, namely an initial consonantal sequence or onset, a sequence of nonconsonantal segments, the nucleus, and a final sequence of consonantal segments which is called the coda

(HOGG;McCULLY, 1987, p.36)

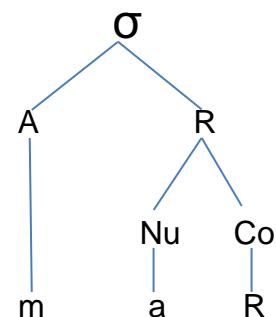
O que determina o peso silábico é a constituição interna da sílaba, mais precisamente a formação da rima. Uma rima ramificada dá a condição de pesada a uma sílaba. O ataque – mesmo possuindo ramificações – em nada contribui para a alteração do peso silábico.

Utilizemos como exemplo o verbo da língua portuguesa “clamar”:

(8)



(9)

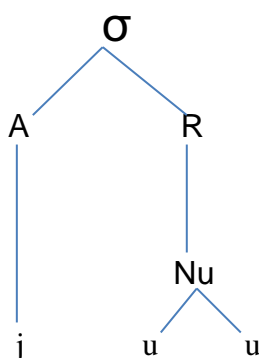


A sílaba (8), mesmo possuindo ataque ramificado, é considerada uma sílaba leve por ter apenas um elemento na rima. Já a sílaba (9) é um típico exemplo de sílaba pesada, pois possui dois elementos na rima – um no núcleo e outro na coda.

2.3.2.2. Mora (μ)

Hogg e McCully (1987) previam que, dentro da língua inglesa, sílabas consideradas pesadas e constituídas de vogais longas fossem transcritas como dois constituintes idênticos dentro da estrutura silábica, tal como se dá com a palavra *you*, que assim poderia ser representada:

(10)



Hogg e McCully (1987, p.41)

Como anteriormente comentado, teorias mais atuais atribuem à mora a função de determinar o peso silábico. Sendo assim, sílabas pesadas como a apresentada no exemplo acima também poderiam ser representadas através do uso de moras como determinantes de peso.

Broselow (1996) inicia seção dedicada à mora em seu livro definindo-a da seguinte forma:

The notion of mora, or weight unit, is a traditional one, recognized in virtually every school of linguistics. The concept arose from study of languages in which two adjacent segments in syllable rhyme may carry different pitches [...], or in which the position of stress, accent, or tone depends on an opposition between light (CV) syllables and heavy (CVV or CVC) syllables.

Broselow (1996, p. 144)

Portanto, uma sílaba pode ser constituída de apenas uma mora (monomoraica) ou por duas moras (bimoraica). A mora é uma unidade que se relaciona apenas com a rima silábica, não cabendo ao ataque silábico, portanto, nenhuma representação mórica (HAYES, 1995; BROSELOW, 1996). Uma sílaba CV – independentemente da língua a que pertença – será monomoraica, e, portanto, leve, ao passo que uma sílaba CVV será sempre bimoraica e, por isso, pesada.

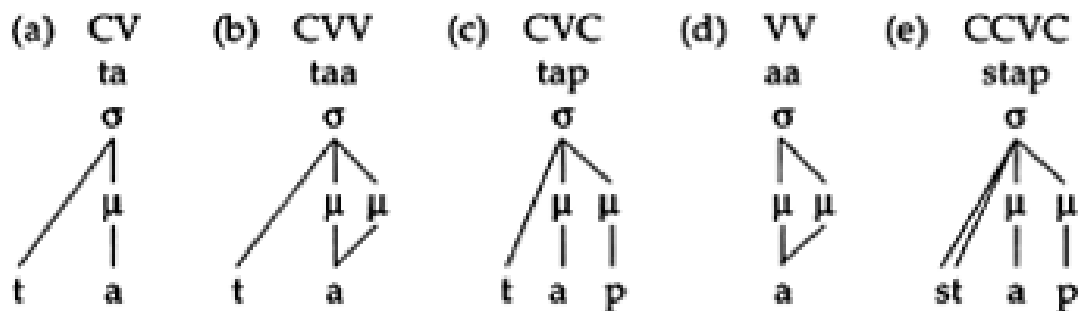
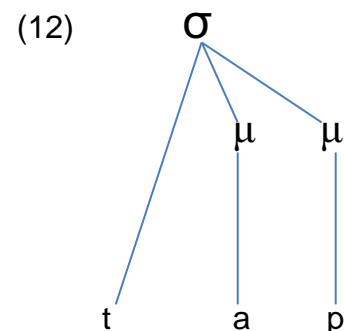
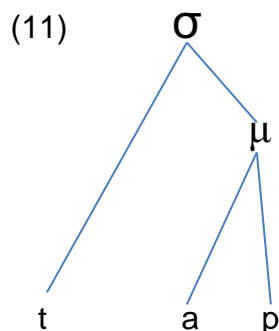


Figura 5. Diferentes organizações de moras dentro de uma sílaba (BROSELOW, 1996, p.145).

Nas representações acima, a sílaba representada em (a) é CV e possui apenas uma mora que está ligada à vogal pertencente ao núcleo. Já as sílabas (b) e (d), que são respectivamente CVV e VV, têm duas moras que estão ligadas a uma única vogal longa. Em (c) e (e) as sílabas pesadas CVC e CCVC – respectivamente – também são bimoraicas, tendo uma mora ligada à vogal do núcleo silábico e outra ligada à consoante na coda. É possível observar que em nenhum dos exemplos acima foi atribuído ao ataque qualquer mora.

Massini-Cagliari (1999, pp.89-90) aponta que, diferentemente das sílabas CV e CVV que são de forma universal, ou seja, independente de qualquer língua, monomoraicas e bimoraicas, respectivamente, uma sílaba CVC tem seu peso variável entre as línguas, podendo ser monomoraica ou bimoraica:



Adaptado de Broselow (1996, p.145).

2.3.2.3. Pé (Σ)

A noção de pé, como marcador de ritmo, esteve presente desde a antiguidade clássica na construção e análise de poemas. Bem mais recente, porém, é o tratamento dado ao pé como constituinte prosódico, a partir do advento dos modelos não lineares de análise fonológica com a publicação do artigo de Liberman e Prince (1977).

Unidade prosódica de nível imediatamente superior ao da sílaba e imediatamente inferior ao da palavra fonológica, o pé métrico é um componente fonológico constituído de uma cabeça dominante (forte) e outra recessiva (fraca) que compõem a organização do acento. Atribui-se aos pés métricos o fenômeno de repetição de sílabas fortes e fracas alternadamente (GOLDSMITH, 1990), o que faz desse componente fonológico o grande responsável pela estrutura rítmica de uma língua.

O menor constituinte métrico, na visão de Hayes (1995), é o pé, que pode ser de três tipos: o troqueu moraico, o troqueu silábico e o iambo, constituindo a chamada Lei Trocaico/Iâmbica. Há línguas que levam em consideração a quantidade silábica (contagem de moras) e por isso possuem como pés métricos o iambo ou o troqueu moraico. Entretanto, há línguas que ignoram a contagem de moras e consideram apenas a proeminência silábica; essas línguas teriam, portanto, o troqueu silábico como pé métrico binário.

O conceito de pé métrico e suas diversas classificações segundo a teoria métrica paramétrica (HAYES, 1995) ainda serão mais bem desenvolvidos na próxima seção desta dissertação.

3. A Teoria Métrica Paramétrica de Hayes

Esta seção apresentará um resumo das bases teóricas da Fonologia Métrica encontradas no Livro *Metrical Stress Theory* do linguista estadunidense Bruce Hayes (1995).

A Fonologia Métrica é o modelo teórico proveniente da Fonologia não-linear que possui como objeto de estudo o acento.

A primeira diferença fundamental entre o modelo métrico e o modelo gerativo padrão está no fato de que a primeira considera o acento como sendo de propriedade da sílaba e não mais do segmento, como defendiam Chomsky e Halle (1968). Isso significa que o acento, portanto, não seria um traço distintivo, mas sim uma proeminência resultante da relação entre mora, sílaba, pé e palavra fonológica.

Considera-se como o marco inicial da Fonologia Métrica o artigo *On Stress and Linguistic Rhythm*, de Mark Liberman e Alan Prince (1977). Seguiram-se a esse os estudos de Halle e Vergnaud (1987) e Hayes (1995), sendo que a fundamentação teórica desta pesquisa baseia-se, principalmente, neste último.

A Teoria Métrica do Acento é o ramo – mais precisamente, uma modificação – da teoria gerativa que trata de padrões acentuais. Para Hayes (1995), o acento seria a manifestação linguística da estrutura rítmica de uma língua e as propriedades do acento podem dizer muito sobre sua base rítmica. Toda a pronúncia (realização) possui uma estrutura rítmica que tem como função servir como uma estrutura organizacional, tanto para a realização fonética, quanto para a fonológica.

O linguista defende que é possível supor que os padrões de acento possuem formas semelhantes a estruturas rítmicas de natureza extralinguística, como a música e o verso, e que a formação do ritmo não é atribuída apenas a uma realização física em particular, o que significa que não é possível atrelar o acento a uma única invariante física.

Embora na maioria das vezes uma cadência forte de ritmo coincida com os pulsos pulmonares, com uma duração longa e com uma variação melódica em favor da elevação, não podemos considerar esses fenômenos como parte de uma regra rígida.

Um dos grandes desafios é o de se delimitar uma base empírica de observação dos fenômenos que envolvem o acento, visto que o ritmo é considerado uma noção abstrata e, portanto, impossível de ser diretamente observada.

Como ilustração dos fundamentos de sua teoria, Hayes se utiliza de exemplos da língua inglesa, que, segundo ele, possibilita estudar alguns aspectos do sistema acentual com

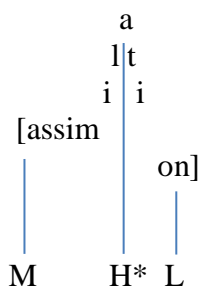
recursos intuitivos. Isso só seria possível devido ao fato de a língua possuir uma fonologia de acento com formas rigidamente organizadas, tais como: regras segmentais, padrões entoacionais e restrições fonotáticas de acordo com a mutualidade em diagnosticar um padrão acentual em particular.

A seguir, são listados alguns “diagnósticos” realizados pelo linguista sobre o acento em inglês:

I- Atração do tom nuclear entoacional – toda frase entoacional possui um e somente um acento primário. Com base nos trabalhos de Liberman (1975) e Hayes (1995), pode-se pensar em um inventário entoacional para a língua inglesa. Abaixo, serão mostradas algumas dessas entoações presentes:

- A entoação declarativa possui uma sequência tonal M-H*-L (“mid-high-low”, ou “central-alto-baixo”), sendo H* ligado a uma sílaba específica, enquanto M e L estão ligados às bordas inicial ou final. É interessante observar o movimento alto/baixo realizado pela variação melódica:

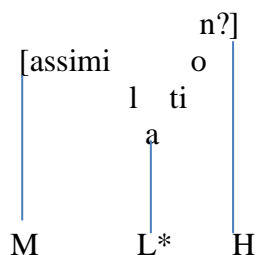
(13)



(HAYES, 1995, p.10)

- Entoação interrogativa: possui a sequência tonal M-L*-H

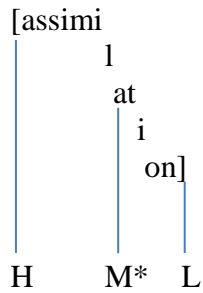
(14)



(HAYES, 1995, p.10)

- Tom de degradação descendente: sequência H-M*-L

(15)

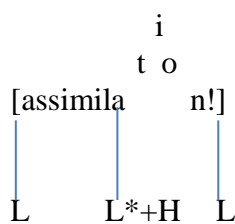


(HAYES, 1995, p.10)

Este tipo de entoação implica que o que está sendo dito em algum sentido que pode ser previsto a partir do contexto de seu uso (HAYES, 1995 p.10).

- Tom de elevação tardio: a sequência L*-H se inicia em uma sílaba em particular e termina em tom baixo.

(16)



(HAYES, 1995, p.11)

Sobre esses exemplos, Hayes conclui:

These examples illustrate the view adopted here concerning pitch and stress [...]: pitch is directly determined by the intonational system, but the rules linking tones to texts refer to position on stress. As a result, pitch can serve as a powerful phonetic cue for stress location.

(HAYES, 1995, p.11)

II-Qualidade vocálica e regras segmentais – Hayes nos apresenta alguns fenômenos e alterações fonéticas de nível segmental atrelados ao acento.

No que tange às qualidades de uma vogal que podem atrair ou afastar o acento, o acadêmico utiliza como exemplo a ocorrência do schwa [ə] (vogal central não-arredondada), que no inglês é sempre constituinte de uma sílaba átona – e nunca tônica – devido ao papel designado a essa vogal dentro do contorno entoacional.

Abaixo estão esquematizadas algumas correlações de nível segmental na distribuição do acento em inglês:

(17)

Flapping $t, d \rightarrow \text{ɾ} / [-\text{consonantal}] \text{ ————— } \left[\begin{array}{c} \text{V} \\ - \text{acento} \end{array} \right]$

Inserção de /t/ $\emptyset \rightarrow \text{t} / n \text{ — } s \left[\begin{array}{c} \text{V} \\ - \text{acento} \end{array} \right]$

Desvozeamento de /l/ $l \rightarrow [-\text{vozeado}] / s \text{ — } \left[\begin{array}{c} \text{V} \\ - \text{acento} \end{array} \right]$

Aspiração medial

$$\left[\begin{array}{c} -\text{soante} \\ -\text{contínuo} \\ -\text{vozeado} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{c} +\text{espraiamento} \\ \text{glotal} \end{array} \right] / [-\text{estridente}] \text{ — } ([+\text{soante}]) \left[\begin{array}{c} \text{V} \\ +\text{acento} \end{array} \right]$$

Traduzido e adaptado de Hayes (1995, p.12-3)

Com essas afirmações, Hayes (1995) conclui que o inglês possui três graus de acento: i) aquele completamente átono (onde se encontra o schwa); ii) o acento principal, o qual se

encontra no pico do contorno entoacional; e iii) os acentos secundários, os quais não se enquadram nos graus anteriores.

3.1. Fenômenos físicos relacionados ao acento

Uma das grandes preocupações da teoria é a de identificar quais os fenômenos físicos que envolvem o acento. Foneticamente, a definição de acento ainda se mantém um pouco nebulosa, sem grandes consensos. Hayes cita vários autores que podem auxiliar o leitor a estudar as diversas acepções de acento no nível fonético, porém, para ele é a definição de Stetson² (1928 *apud* Hayes, 1995) a que melhor discute a questão.

O autor cita quatro parâmetros físicos existentes no processo de produção do acento. São eles:

- 1- Volume ou força (*loudness*)
- 2- Duração (*duration*)
- 3- Variação melódica (*pitch*)
- 4- Julgamento do ouvinte (*listener's judgement*)

Hayes argumenta que, desses quatro parâmetros, o volume é a característica de menor efeito efetivo na percepção do acento.

Segundo o autor:

The multiple phonetic cues for stress, and the subordinate role of loudness, are particularly interesting when one considers that languages use duration and pitch in their phonological systems for entirely different purposes. Duration is the phonetic cue for vowel length, which is phonemic in many languages.

(HAYES, 1995, p.7)

Já a variação melódica (*pitch*) é o correlato fonético do tom. O autor afirma que o acento é parasitário, o que quer dizer que ele invoca recursos fonéticos que servem para outros fins fonológicos.

A respeito da duração, o linguista alega que nem sempre a duração irá atrair o acento, principalmente em se tratando de línguas em que há um contraste entre a duração vocálica e

² Obra considerada rara de se encontrar atualmente.

nível fonológico, como o Finlandês, que parece evitar a duração como um correlato para o acento.

3.2. Propriedades tipológicas do acento

Se anteriormente foram discutidos os correlatos fonéticos do acento, a partir de agora serão abordadas características de caráter fonológico. As propriedades tipológicas são, segundo Hayes:

- a) **Culminatividade** – cada palavra fonológica ou frase tem uma única sílaba forte carregando o acento principal. O domínio da culminatividade varia de língua para língua, podendo ser de nível da palavra ou de nível frasal.
- b) **Distribuição rítmica** – o acento é ritmicamente distribuído. Isso quer dizer que sílabas que possuam um nível de acento semelhante tendem a ocorrer em intervalos igualmente distribuídos.
- c) **Hierarquias de acento** – o acento é hierárquico, o que quer dizer que a maioria das línguas possui múltiplos degraus de acento: primário, secundário, terciário, etc.
- d) **Ausência de assimilação** – uma sílaba acentuada não “contamina” com o acento a sílaba átona que a precede ou sucede.

3.3. Tipologia das regras de acento

Hayes estabelece algumas dicotomias que caracterizam a organização do acento nas diversas línguas:

- a) Acento livre *versus* acento fixo – o acento fixo é previsível em sua localização. Já o acento livre é, dentro do possível, imprevisível, além de mais relacionado ao léxico.
- b) Acento rítmico *versus* acento morfológico – o acento rítmico é puramente baseado em fatores fonológicos como o peso silábico ou limitado pela distância entre acentos ou entre acento e limites de palavras. Já no sistema morfológico, o acento tem como função elucidar a estrutura morfológica da palavra.
- c) Acento limitado *versus* acento ilimitado – no primeiro, os acentos deverão cair dentro de uma distância particular de um limite ou outro acento (HAYES, 1995). Já no segundo tipo, a distância entre um limite ou outro acento é ilimitada, desde que providas às apropriadas circunstâncias para tal fim.

3.4. Agrupamento na estrutura métrica

Segundo o autor, ritmo não é só uma hierarquia de proeminências: é também o apoio que envolve agrupamentos de cadências consecutivas dentro de frases. Essa concepção também está presente nas teorias de ritmo musical, onde esse agrupamento é estruturado sob a forma de uma hierarquia.

3.5. Extrametricidade

Há casos em que um determinado constituinte prosódico (um segmento, uma sílaba, ou até mesmo um afixo) torna-se “invisível” em relação ao algoritmo de atribuição do acento, ou seja, as regras de atribuição de acento ignoram essa entidade extramétrica, agindo como se ela não existisse. Um exemplo que ilustra esse conceito é o que envolve a análise das proparoxítonas no português: essas palavras teriam como extramétricas suas sílabas finais, sendo, portanto, ignoradas pela organização fonológica. Isso porque no português o pé métrico mais utilizado é do tipo forte-fraco, que acaba por formar palavras proparoxítonas, e, com a ocorrência de uma palavra proparoxítona teríamos um pé forte-fraco-fraco, fugindo assim do que seria considerado comum na língua. Porém, se considerarmos extramétrico esse último elemento, teríamos novamente um pé forte-fraco:

<p>(18)</p> <p>Ca sa</p> <p>(s w)³</p>	<p>(19)</p> <p>Lâm pa da</p> <p>(s w) <w></p>
---	---

Na palavra “casa”, vemos a representação de um pé forte-fraco (s w) típico. Já em “lâmpada” temos, inicialmente, um pé forte-fraco-fraco (s w w), mas se considerarmos o último elemento (w) como extramétrico, teremos novamente o padrão (s w).

Hayes propõe algumas regras e restrições que fomentam a extrametricidade (p.57):

1. **Constituição** – apenas constituintes podem ser considerados extramétricos. Esses constituintes podem ser segmentos, sílabas, afixos, pés ou até mesmo palavras fonológicas.
2. **Perifericidade** – para que um constituinte possa ser considerado extramétrico, ele deve estar localizado na borda – direita ou esquerda – de um domínio. Um constituinte jamais poderá ser extramétrico se estiver no meio desse domínio.

³ s, de *strong* (“forte”, em inglês) e w, de *weak* (“fraco”, em inglês).

3. **Marcação de borda** - para a extrametricidade, a borda não-marcada é a borda direita.
4. **Não-exaustividade** – uma regra de extrametricidade é bloqueada se converter em extramétrico o domínio inteiro das regras de acento.

3.6. Representação métrica do acento através das grades parentetizadas.

Antes de proposta de Hayes, havia duas formas de se representar os constituintes métricos: a árvore e a grade métrica.

A árvore métrica tinha como principal defensora Selkirk (1980), enquanto Prince (1983) defendia a utilização da grade métrica. Basicamente, as representações de ambos os métodos podem ser feitos da seguinte forma:

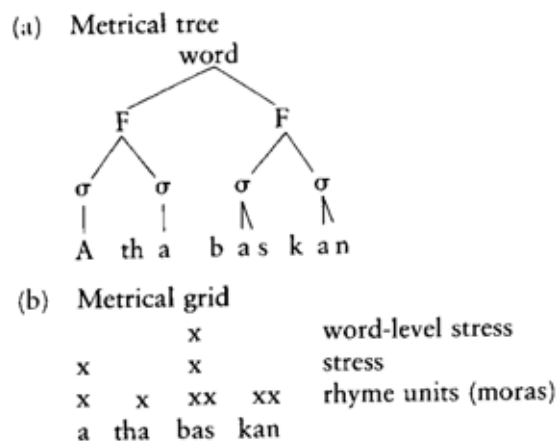


Figura 6. Árvore e grade métrica (GOLDSMITH, 1990, p.169)

Em uma tentativa de propor uma solução para este embate, Hayes opta pela estrutura de grades parentetizadas como representação métrica, que têm como características: a) necessidade de que as colunas das grades sejam contínuas; b) as marcas das grades e os constituintes com a cabeça em correspondência de um-para-um. Abaixo é possível observar o funcionamento deste tipo de representação aplicado à frase *cafezinho quente*:

(20)

$$\begin{array}{l} (\quad \quad \quad x \quad) \\ (\quad x \quad) (x \quad) \\ (x \ .)(x \ .) (x \ .) \\ \text{Ca fe zi nho \quad quen te} \end{array}$$

(COSTA, 2006, p.54)

Essa representação possibilita uma visualização clara da hierarquia das batidas rítmicas ao mesmo tempo em que indica os constituintes prosódicos e suas proeminências (marcadas com um x).

No primeiro nível (logo acima de *cafezinho quente*), temos a representação do pé; no segundo nível, o da palavra fonológica/grupo clítico (que neste caso possuem domínios coincidentes); no terceiro nível, o da frase entoacional.

É interessante salientar que existem algumas restrições impostas para a construção desse tipo de representação, sendo:

1- A grade não pode apresentar falhas ou buracos. Se um nível mais alto é marcado com x em uma coluna, deverá necessariamente receber também marcas de proeminências em todos os níveis inferiores:

(21)

$$\begin{array}{l} (\quad \quad \quad x \quad) \\ (\quad \boxed{x} \quad) (x \quad) \\ (x \ .)(\boxed{x} \ .) (x \ .) \\ \text{Ca fe zi nho \quad quen te} \end{array}$$

(COSTA, 2006, p.54)

2- “a relação entre a estrutura da grade e da parentetização deve ser de uma-um, de modo que cada parentetização possua apenas uma marca que serve como cabeça (x) e que cada x seja a cabeça de um único domínio” (Costa, 2006, p.56). Não é possível, portanto, a presença de duas proeminências dentro de um mesmo domínio assim como a existência de um domínio sem proeminência.

3.7. Inventário de pés

Em regra geral, existem dois tipos de pés métricos: o binário, com o qual Hayes trabalha majoritariamente, e o ilimitado. Entre os pés binários, há três tipos: o troqueu moraico, o troqueu silábico e o iambo. Essa divisão é conhecida por Lei Iâmbico/Trocaica.

O troqueu silábico é um pé constituído por duas sílabas e com proeminência inicial. Esse tipo de pé simplesmente conta sílabas, ignorando a sua estrutura interna, ou seja, não faz diferenciação entre sílabas leves e pesadas.

A estrutura de um troqueu silábico é constituída da seguinte forma:

(22)

(* .)

σ σ

Hayes utiliza como exemplo de língua com esse padrão o Pintupi (Austrália):

(23)

a.	σ σ	páŋa	‘earth’
b.	σ σ σ	tʰúʈaya	‘many’
c.	σ σ σ̣ σ	má awàna	‘through from behind’
d.	σ σ σ̣ σ σ	pú ɲkàlatʰu	‘we (sat) on the hill’

(HAYES, 1995, p.62)

Em contrapartida, o **troqueu moraico** leva em consideração o peso silábico, fazendo assim, distinção entre sílabas leves e pesadas através do número de moras de cada sílaba. No caso de duas sílabas leves, cada uma corresponderá a uma mora e formarão um pé com cabeça à esquerda; se a sílaba for pesada, entretanto, corresponderá a duas moras, formando sozinha um pé. Os sistemas de acento que optam pelo troqueu moraico são sistemas sensíveis ao peso silábico, com constituintes binários de cabeça à esquerda (assim como no troqueu silábico), ou um único constituinte, no caso de sílabas pesadas.

A estrutura de um troqueu moraico é constituída da seguinte forma:

(24)

(* .) ou (*)

Embora essa definição não seja consensual, linguistas como Massini-Cagliari (1999) classificam o Português Brasileiro como sendo uma língua cujo pé métrico seja o troqueu moraico, ilustrado nos exemplos abaixo:

(25)

(x .)	(x .)	(x)
Ba ta ta	de te ti ve	ar ma zém
┘┘┘	┘┘┘┘	- ┘ -

(MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.128)

Diferentemente dos troqueus, o **iambo** possui cabeça à direita. O pé iâmbico pode ser constituído por uma sílaba leve mais outra sílaba leve ou pesada ou apenas por uma sílaba pesada.

Um pé iâmbico é constituído por:

(26)

(. *)	ou	(*)
┘		-
σ		

Os iampos constituídos por duas sílabas leves / $\sim\sim$ / são chamados pelo autor de defectivos, devido ao fato de inexistirem diferenças no peso silábico no nível de atuação das regras de acento.

Hayes utiliza exemplos da língua Seminole/Creek como ilustração do funcionamento de uma língua de sistema iâmbico:

(27)

(. x)	(. x)
┘┘	┘┘

a pa ta ka

(. x)	(. x)	┘
┘┘	┘┘	┘

a ma pa ta ka

(HAYES, 1995, p.64)

4. Metodologia

4.1. Metodologia para análise das línguas vivas

Esta pesquisa se propõe a realizar um estudo do acento tendo como base a análise bibliográfica da fortuna crítica de línguas Tupi-Guarani, cujo *corpus* utilizado para tal fim provém de trabalhos científico-acadêmicos, livros e artigos já publicados sobre os idiomas da família. Devido ao curto período de tempo estipulado para a confecção deste trabalho, que se insere em um mestrado, limitamo-nos a apresentar as análises de nove línguas, pinçadas criteriosamente e cuja presença individual no trabalho em questão será ora justificada, quais sejam: o Tupi Antigo, o Nheengatu, o Xetá, o Avá-Canoeiro, o Kamaiurá e o Asurini do Xingu, o Guarani Mbyá, o Tapieté e o Araweté.

A seleção das línguas obedeceu, evidentemente, a rigorosos e coerentes critérios. O primeiro se refere à quantidade de material teórico disponível em forma de artigos, teses, dissertações, livros, etc. Assim, línguas com pouco ou nenhum estudo documentado não poderiam ser selecionadas, visto que a pouca quantidade de dados impossibilitaria uma análise coerente, eivada de razoabilidade e ensejante de conclusões ulteriores e não menos coesas, já que são o propósito de nossa pesquisa. O segundo critério foi a preocupação em se selecionarem línguas de diferentes subgrupos – de acordo com a classificação de Rodrigues e Cabral (2002) – com o intuito de se realizar uma análise o mais abrangente possível. As nove línguas analisadas nesta pesquisa pertencem a cinco grupos diferentes, sendo o Xetá e o Guarani Mbyá pertencentes ao ramo I, o Avá-Canoeiro ao ramo IV, o Asuriní do Xingu ao ramo V, o Kamaiurá ao ramo VII e o Nheengatu e o Tupi ao ramo III.

Para a seleção da bibliografia, levou-se em consideração se o conteúdo apresentado nas obras era passível de ser submetido a uma reanálise fonológica. Dessa forma, gramáticas ou estudos mais generalistas das línguas, assim como trabalhos específicos na área de fonologia poderiam ser aproveitados para o desenvolvimento de nossa análise. Foram descartadas para esta pesquisa apenas obras que não possuíam nenhum tipo de descrição de aspectos fonológicos da língua ou que apresentassem dados eminentemente escassos ou duvidosos.

Com base nas informações obtidas via levantamento bibliográfico, foram realizadas por nós propostas de análise do acento em cada uma dessas línguas, utilizando como aporte teórico a fonologia métrica (HAYES, 1995) e aspectos da teoria lexical. Os exemplos apresentados e as conclusões obtidas pelos estudiosos figuraram como norte para

identificarmos e classificarmos aspectos prosódicos e rítmicos, tais como tipos de pés métricos, estruturas silábicas, tipologias das regras acentuais, entre outros.

4.2. Metodologia para análise do Tupi Antigo

Diferentemente das outras línguas que aqui serão analisadas, o Tupi Antigo não dispõe de registros orais pelo fato de não ser mais falada há alguns séculos. Sendo assim, a única maneira possível de se estudar fenômenos prosódicos como a acentuação e o ritmo é através da metrificação e análise de textos poéticos antigos escritos pelo padre José de Anchieta em língua tupi durante a segunda metade do século XVI. Considerando-se o fato de que a tradição poética desde a antiguidade até o século XIX era calcada na confecção de poemas sob uma métrica extremamente rígida, obras desse período podem vir a nos oferecer pistas que levem a uma possível caracterização da estrutura prosódica das palavras, como a localização do acento e o pé métrico básico da língua.

Como base para este estudo, foram utilizadas três edições da lírica anchietana publicadas em diferentes épocas (1954, 1984, 2004). O primeiro, de 1954, organizado pela professora Maria de Lourdes de Paula Martins, o segundo livro, de 1984, com organização do Pe. Armando Cardoso, e o terceiro, de 2004, organizado pelo professor Eduardo Navarro.

O método de Massini-Cagliari (1995) para análise do acento via métrica no Português Arcaico serviu como exemplo para as análises presentes neste trabalho, visto que a autora também utiliza as teorias de Liberman e Prince (1977) e Hayes (1995) e as aplica a textos poéticos, com o objetivo de elucidar questões fonológicas. Neste estudo, Massini-Cagliari (1995; 1999) aproveitou-se da métrica rígida das cantigas do patrimônio poético do português arcaico para analisar o acento e o ritmo na língua e a partir dos resultados, traçar um percurso histórico das possíveis mudanças de padrões acentuais do PA ao português brasileiro dos dias de hoje.

Sobre esta metodologia, Massini-Cagliari defende:

Quando se tem como objetivo a investigação de elementos prosódicos – como, no caso, o acento – de um período de uma língua quando ainda não havia tecnologia suficiente para arquivamento e transmissão de dados orais, a possibilidade de escolha entre material poético e não-poético para a constituição de um *corpus* não se coloca. Como os textos remanescentes do PA são todos registrados com um sistema de escrita de base alfabética, sem qualquer tipo de notação especial para os fenômenos prosódicos, fica praticamente impossível de serem extraídas informações como as que estão

sendo aqui buscadas, a respeito do acento e do ritmo do português desse período, a partir de textos escritos em prosa.

Já em relação a textos poéticos, ocorre o contrário, principalmente se estes forem metrificados, isto é, se levarem em conta o número de sílabas e/ou a localização dos acentos em cada verso, podem ser inferidos os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Da localização dos acentos poéticos, pode-se concluir a localização do acento nas palavras, ou seja, os padrões de acento lexical da língua, e, da concatenação desses acentos dentro dos limites de cada verso, os padrões rítmicos da língua em questão.

(MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 27)

Para os fins desta pesquisa, o enfoque será dado especialmente à palavra localizada na posição final do verso, onde se estabelecem as rimas poéticas. Segundo Costa, que adota metodologia de Massini-Cagliari (1995):

Essa posição é privilegiada na metodologia pelo fato de se poder estabelecer com segurança, devido à contagem das sílabas poéticas [...] se a palavra, na posição da rima é oxítona, paroxítona, proparoxítona ou se se trata de um monossílabo.

(COSTA, 2006, pp. 72-73)

Em uma língua sem registros orais e de tendências extremamente aglutinantes, com uma enorme gama de afixos, em que não é possível se obter com segurança o domínio total de suas estruturas por parte de estudiosos, a precaução de se estabelecer o enfoque nas palavras em posição final faz-se a melhor opção.

Observando as palavras em finais de versos é possível descobrir, pela rima, a localização da sílaba tônica na palavra. Como ilustração, é apresentada abaixo uma quadra do poema “Dos mistérios do rosário de Nossa Senhora” de autoria do Padre José de Anchieta:

(28)

Nde mbya pup**e**

Pitangamo o**upa**

Typana rer**upa**

Ipo nde ryg**e**

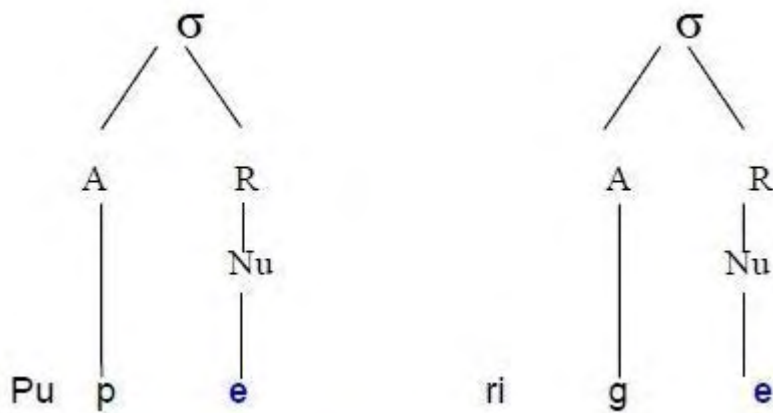
A quadra possui rimas interpoladas (mais especificamente, o sistema ABBA) alternando entre versos agudos (oxítonos) e graves (paroxítonos). As partes destacadas com a mesma cor rimam entre si. O 1º e o 4º versos são agudos, pois rimam somente na coda da última sílaba (‘e’).

Já o 2º e 3º versos são graves, pois a rima engloba toda a sílaba final –ataque (p) e rima (a) –mais o núcleo da sílaba anterior

De acordo com a representação, é possível ver a diferença na rima entre palavras oxítonas e paroxítonas:

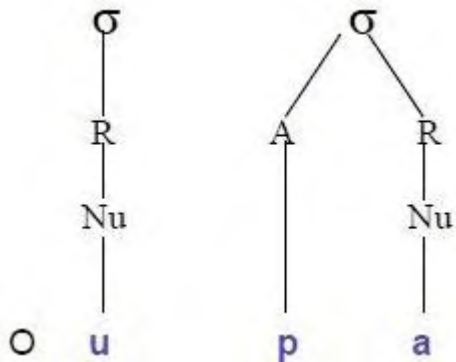
Oxítonas (palavras “pupe” e “rige”):

(29)

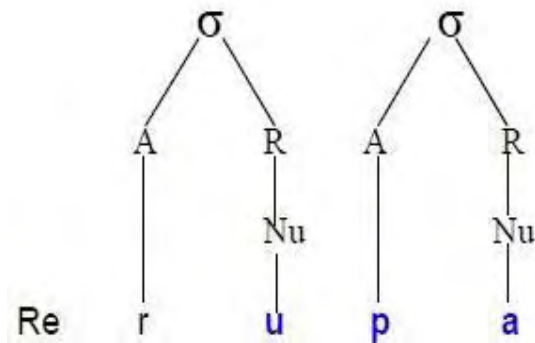


Paroxítonas (“oupa” e “rerupa”):

(30)



(31)



4.2.1. Versos chave

Esse desdobramento metodológico, proposto pioneiramente por Mistieri (2010), sustenta que, em uma língua cujo estudioso não tenha o domínio pleno de sua estrutura e dinâmica, o processo de escansão de um poema deve ser iniciado a partir de um ou mais versos chave.

Um verso chave é aquele que a sua estrutura é preferencialmente constituída por sílabas CV (consoante-vogal), V (vogal), CVC (consoante-vogal-consoante), ou versos nos quais não ocorre nem um tipo de ditongação ou encontro vocálico, fazendo assim com que esse não deixe dúvidas quanto a sua divisão silábica, além de servir como parâmetro para a escanção dos demais versos.

Neste poema utilizamos o verso-chave “*Tupana rerupa*” escandido da seguinte maneira:

(32)

Tu / pa / na / re / rú / pa

Nota-se que este verso (questões ortográficas não devem ser levadas em consideração) não possui ditongos ou qualquer tipo de encontro vocálico.

A partir do verso chave e do esquema de rimas podemos concluir que os versos dividem-se da seguinte maneira:

(33)

nde y / by / ia / pu / pé /

5 SÍLABAS

pi / tan / ga / mo o / ú / pa

5 SÍLABAS

Tu / pa / na / re / rú / pa 5 SÍLABAS

I / po n / de / ry / gé / 5 SÍLABAS

O uso desta técnica aplicada à escansão de poemas em língua tupi se faz pertinente, já que nesta língua há grande ocorrência de sílabas CV, V e CVC.

Infelizmente, esse método não pode dividir com precisão as sílabas em meio de verso, quando se trata de ditongos tritongos ou hiatos, podendo criar uma divisão ambígua nesses casos, mas como o foco deste trabalho está nas sílabas em final de verso – que não permitem tal ambiguidade – não iremos nos ater a esses casos.

As constatações sobre o acento obtidas através dessas escansões foram comparadas aos estudos já realizados sobre a acentuação em tupi, como nas gramáticas de Anchieta (1990) e de Lemos Barbosa (1956), a fim de verificar se, em seus poemas, o jesuíta respeitou a as regras de acento (também descritas por ele anteriormente), adaptando a métrica à língua, ou se há incoerências entre a incidência da sílaba tônica nas palavras analisadas em sua lírica em relação àquilo que está descrito nas gramáticas. Os resultados obtidos por este estudo se encontram na seção dedicada às análises das línguas nesta dissertação.

5. Análises

5.1. Asurini do Xingu

5.1.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Asurini do Xingu

A língua admite os padrões silábicos V, VC, CV e CVC. A ocorrência dos padrões VC e CVC mostra que o Asurini admite a existência de sílabas pesadas (PEREIRA, 2009, p.87).

Pereira (2009) descreve a ocorrência de um processo de ressilabificação em que a estrutura CV é favorecida. Esse fenômeno ocorre quando alguns morfemas se juntam e formam uma nova divisão silábica como em:

(34)

/a.kup/ + /a/ → /a.ku.va/
c.cvc + v → v.cv.cv

'ato de estar quente'

(PEREIRA, 2009, p.87)

O estudo da linguista afirma que o acento em Asurini recai sistematicamente na última sílaba do radical e que no caso de palavras compostas o acento principal se manterá na última palavra – à direita.

O mesmo estudo ainda afirma que, apesar da regra geral de acentuação da língua parecer simples, há ocorrências de pares mínimos em que a única diferença está na localização do acento, levantando a hipótese de acento contrastivo na língua.

(35)

[iβi'ra] 'casca de pau'
[i'βira] 'vento'
[-u'βa] 'rosto'
[-uβa] 'pai'
[aha'ka] 'ir embora'
[a'haka] 'tapuru'
[?'aβa] 'cabelo'
[a'βa] 'gente'
[a'ka] 'eu quebro'
['aka] 'casa'

(PEREIRA, 2009, p.92).

Com esses exemplos, a linguista também questiona se é possível afirmar que o acento na língua não é previsível, mas não chega a nenhuma conclusão, deixando a questão em aberto para possíveis estudos posteriores.

Paralelamente, há um estudo realizado por Nicholson (1982) afirmando que em geral é a penúltima sílaba da palavra que é acentuada, mas não nos apresenta nenhum exemplo na língua.

Pereira (2009) relata a existência do caso nuclear e afirma que o morfema está passando por um processo de radicalização na língua (junção ao radical). Já não existiriam na língua diferenças formais em nomes que desempenham funções de sujeito, objeto de verbo e de posposição, e de vocativos ou nomes que estão na forma citacional. Palavras como *arara*, *oka*, *tapiʔra* e *eɨmaβa* já teriam o {-a} lexicalizado. Nicholson (1982), por sua vez, não considera a existência desse morfema.

5.1.2. Nossa proposta de análise do acento em Asurini do Xingu

O processo de ressilabificação que ocorre na língua ajuda a evidenciar a estrutura silábica preferencial no Asurini, que é CV. Esse processo ressilabificatório obedece ao princípio do ataque máximo, ou seja, quando uma consoante tem a possibilidade de ocupar a coda ou o ataque, ela será silabificada no ataque.

Ao se constatar que o acento recai sistematicamente na última sílaba do radical, temos fortes indícios de que a língua possui como pé métrico padrão o iambo, de construção da direita para a esquerda.

(36)

/tu.ˈrɛ/ 'flauta'
(. *)

/kaˈʔi/ 'macaco'
(. *)

Os aparentes troqueus formados em palavras constituídas por radical + sufixo átono podem ser explicados pelo princípio da extrametricidade: o sufixo é invisível ao algoritmo de atribuição do acento:

(37)

a.ˈrar+a = /a.ˈra.rə/ 'arara'
(. *)

ˈtaβ+a = /ˈta.βa/ 'aldeia'
(*)

Curiosamente, todos os exemplos listados são de palavras terminadas em /a/, o que nos dá indícios para formulação de uma proposição. Esse impasse é enfrentado se considerarmos a própria afirmação de Pereira (2009) de que o “*o acento recai sistematicamente na última sílaba do radical*” (p.59) e a existência do marcador de caso nuclear {-a}, mesmo que esteja em vias de lexicalização. Sendo assim, podemos definir tais exemplos da seguinte forma:

(38)

[i'βira]	/i.βir+a /	'vento'.
[-'uβa]	/-'u.β+a/	'pai'.
[a'haka]	/a.'ha.k+a/	'tapuru'.
['ʔaβa]	/'ʔa.β+a /	'cabelo'
['aka]	/'a.k+a/	'casa'

O morfema {-a} em Asurini – e várias outras línguas da família Tupi-Guarani – tem a função de ser marcador de caso nuclear e é principalmente devido a ele que pode ser feita a distinção entre nomes e verbos na língua. Ao ser considerado extramétrico, podemos concluir que o algoritmo de atribuição age sob condicionamentos morfológicos.

Com isso, é possível afirmar que o domínio do acento se encontra no radical, e não na palavra; e que, para fins rítmicos, o caso nuclear {-a} ainda seja desconsiderado.

A tendência da língua em manter a acentuação das palavras primitivas, somada ao fato de o domínio do acento estar no radical nos mostra que as regras de acentuação estão ligadas à estrutura interna das palavras e que se submetem ao Princípio de Preservação de Estrutura (LEE, 1995, p.7) e que, portanto, são de aplicação lexical. Isso quer dizer que o algoritmo de atribuição do acento em Asurini é sensível às informações sobre a estrutura interna da palavra, ou seja, as informações morfológicas são cruciais para se determinar a localização do acento na palavra.

De acordo com as informações fornecidas pelos estudiosos, é possível concluir-se que o acento na língua é fixo, pois é previsível em sua localização e determinado através de regras, onde os fatores morfológicos são prioritários em relação aos fonológicos. O principal fator morfológico está no fato de o domínio do acento se encontrar no nível do radical e não no da palavra. Subordinadas a estas estão as regras de caráter rítmico, como a opção do algoritmo de atribuição do acento em se alinhar o mais à direita possível, desde que não desobedeça às regras de caráter morfológico.

5.2. Xetá

5.2.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Xetá

Sobre o acento, Rodrigues (1978) afirma:

A principal inovação fonológica do xetá da Serra dos Dourados parece ter sido a mudança da regra do acento: enquanto o acento de intensidade em guarani antigo recaía sistematicamente na última sílaba dos temas nominais e verbais, houve em xetá um deslocamento para a penúltima sílaba: o'gwičë *desce*, g. owe'yí; 'heče *nele*, g. he'ce; 'íka *osso dele*, i'kã; 'ita *pedra*, g.i'ta; i'ača *atravessar rio*, g. ia'ca; ia'ča *ponte* (de *ia'čaa, *atravessadouro*), g. iaca'há; 'koto *furar*, g. ku'tu; a'wira *árvore*, g. ibi'ra.

(RODRIGUES, 1978, p.9)

Vasconcelos (2008) também considera que o acento recai sistematicamente sobre a penúltima sílaba e fornece os seguintes exemplos:

(39)

/kawa/	[kæ'wax] ~ ['kæwax]	“vespa”
/hiwaj/	[hi'vaj] ~ ['hivaj]	“veado”
/mãtêj/	[mã'těj] ~ ['mãtěj]	“um”
/uirakwa/	[ui'rag ^w a]	“ponta de flecha”
/wata/	['wata]	“andar”
/kwa'rata/	[g ^w a'rata]	“andar junto”
/ito/	['ito]	“cachoeira”

(VASCONCELOS, 2008, p. 53).

Ainda, segundo o autor, o acento em Xetá não é contrastivo e tem como principal correlato fonético a intensidade. Infelizmente, porém, Vasconcelos não nos explica em que contexto podem ocorrer as variações mostradas em alguns dos exemplos acima.

Segundo Vasconcelos (2008), os padrões silábicos existentes na língua são: V, CV, CVC (sendo C² somente ocupado por /ŋ,r,j,w/), CCV, VC (em posição inicial ou final) e uma ocorrência de CCVC. O linguista classifica as semivogais /w/ e /j/ como consoantes ao estabelecer os padrões silábicos.

5.2.2. Nossa proposta de análise do acento em Xetá

O acento na língua xetá recai na penúltima sílaba da palavra, independentemente da função sintática da mesma. Essa condição não parece ser provocada devido a fatores morfológicos como sufixação ou composição. Nos exemplos abaixo, retirados de Vasconcelos (2008, p. 51), estão palavras desprovidas de sufixação, sendo constituídas apenas por radical.

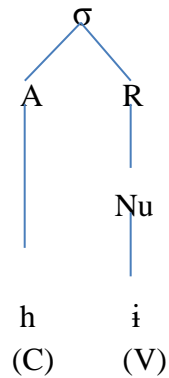
(40)

/ˈito/ - “cachoeira”
 /ẽˈtone/ - “cheirar”
 /aˈwira/ - “pau”
 /ˈipi/ - “pele”
 /ˈpwita/ - “ficar”

A sílaba pesada parece não atrair necessariamente o acento, como podemos ver nos exemplos abaixo:

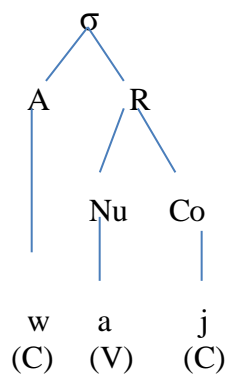
(41)

/ˈhi.waj/
 (* .)



A sílaba tônica de /ˈhi.waj/ é CV, portanto, leve.

(42)



Já a sílaba átona é *waj* (GVG ou CVC) é pesada, porém não atrai o acento.

Como visto nos exemplos, /ˈhi.waj/ pode se realizar foneticamente tanto como [ˈhiˈvaj] quanto [ˈhiˌvaj], embora não há a informação sobre os contextos em que essa variação ocorre. O mesmo acontece com /ˈkawa/ ([kæˈwax] ou [ˈkæwax]) e /ˈmãtêj/ ([mãˈtêj] ou

[¹mõtẽj]). Diante desses exemplos pode ser levantada a hipótese de que em um momento anterior de sua história o Xetá levaria em consideração o peso silábico no momento de atribuição do acento. Porém, como esses dados parecem ser exceção à regra, seria mais prudente considerar o Xetá como uma língua cujo pé métrico fosse o troqueu silábico, visto que a grande maioria dos exemplos se enquadra nos moldes deste pé métrico.

O fato de recair sistematicamente na penúltima sílaba do radical nos mostra que o acento é fixo e, portanto, previsível em sua localização, e rítmico, pois se baseia essencialmente em fatores fonológicos (neste caso, a relação entre acento e limite de palavra).

5.3. Kamaiurá

5.3.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Kamaiurá

O Kamaiurá possui quatro padrões silábicos: V, VC, CV e CVC. Os padrões V e CV podem ocorrer em início, meio ou final de palavra e os padrões VC e CVC ocorrem apenas em final de sílaba ou, no caso de CVC, também como palavra isolada (SEKI, 2000; SALZER, 1976).

Seki (2000, p.423) destaca o processo de ressilabificação que ocorre na formação de palavras compostas na língua:

(43)

i-ʔakaŋ#itsiŋ-a#wi “está cheio de areia”
/i.ʔa.ka.ŋi.tsi.ŋa.wi/

Adaptado de Seki (2000, p.423)

No exemplo acima, é possível observar que a ressilabificação une as fronteiras entre os morfemas {ʔakaŋ}, “cheio”, e {itsiŋ}, “areia”, na sílaba /ŋi/.

Seki (2000, p. 417-8) afirma que palavras iniciadas por vogal, ao ocorrerem após pausa, podem sofrer a inserção da fricativa aspirada desvozeada [h] como ataque da sílaba inicial dessas palavras. Esse som não possui nenhum valor distintivo.

(44)

/ama/	[ha.ˈma]	“mamãe (voc.)”
/iwira/	[hiwiˈra]	“árvore”
/opap/	[hoˈpap̃]	“acabou”
/ene/	[heˈne]	“você”
/uruwi/	[huruˈɰi]	“pintado (peixe)”

(SEKI, 2000, p. 417-8)

Se as vogais iniciais dessas sílabas forem [a] ou [i], estas podem ser precedidas por [ʔ] ao invés de [h]

(45)

/ajuru/	[ʔajuˈru] ou [hajuˈru]	“papagaio”
/ipitun/	[ʔipiˈtuñ]	“noite”

(SEKI, 2000, p. 417)

Em estudo da língua, Salzer (1976) afirma que o acento principal recai na última sílaba da palavra e o secundário em sílabas alternadas para trás do acento primário. No caso

de palavras com sufixos, o acento principal pode tanto permanecer no radical quanto migrar para o sufixo se este for tônico.

O estudo diz também que se um substantivo que tenha sufixo ocorrer no final de uma sentença o acento recairá sobre este sufixo, ou seja, na última sílaba da sentença.

(46)

/enepomomap	hãĩ	-a/	“Cinco dentes”
Cinco	dentes	caso nuclear	
[yɛnɛpɔmɔ'map	ããĩ	'ã]	

(SALZER, 1976, p.5)

Seki (2000), por sua vez, afirma que o acento recai sempre na última sílaba do radical (formas livres), não é contrastivo e tem como correlatos fonéticos altura e intensidade. No que diz respeito à afixação na língua, todos os prefixos são átonos e os sufixos podem ser tanto átonos (como o caso nuclear {-a}) quanto tônicos (como {-ite}, que funciona como negação de predicados).

Assim como Salzer (1976), Seki (2000) diz que o acento secundário costuma cair em sílabas intercaladas à esquerda do acento principal, o que produz um ritmo de “*staccato*”⁴ (SEKI, 2000, p.419):

(47)

/jai/	[ja.'i]	“lua”
/tata/	[ta.'ta]	fogo
/jaitataʔi/	[ja.i.ta.ta.'ʔi]	“estrela”

(Seki, 2000, p.419)

5.3.2. Nossa proposta de análise do acento em Kamaiurá

É possível observar que a língua possui preferência por sílabas leves, pois estas ocorrem em maior frequência e contexto. Os fenômenos de inserção consonantal de [h] e [ʔ] em palavras iniciadas por sílaba V (desde que essas palavras sejam pronunciadas após pausa ou isoladamente) nos dá pistas sobre o padrão silábico “preferido” da língua: o CV.

⁴ O termo utilizado por Seki é controverso (2000), já que *staccato*, em música, não está relacionado a ritmo, mas sim a articulação (mais especificamente à duração do som, que é menor). No caso do Kamaiurá, Seki está se referindo ao efeito rítmico de alternância entre sílabas fortes e fracas (w - s) dentro dos pés métricos.

Sobre o comportamento do acento em Kamaiurá podemos dizer que as palavras são, via de regra, oxítonas. Em relação às palavras simples (que não recebem nenhum morfema ou afixo adicional) não foram encontradas ocorrências que fujam a esse padrão.

Já no caso de palavras que recebem algum tipo de sufixação, são encontrados dois tipos de situações: 1) migração do acento para a última sílaba da palavra – contando com o sufixo (se este for tônico), e 2) manutenção do acento na sua sílaba de origem, que é a última do radical, e conseqüente formação de uma palavra paroxítona:

(48)

eit-a - /he. ¹i. ta/ - “abelha”

(. *)

jawar-a - /ja. ¹wa. ra/ - “onça”

(. *)

Cf. Seki (2000, p.415)

Nos exemplos acima observamos a ocorrência de ressilabificação provocada pela inserção de {-a}, que se agrega à consoante final do radical, transformando uma sílaba CVC em duas sílabas CV. Em casos como esse, toda a sílaba final (consoante + {-a}) será considerada extramétrica.

As ocorrências de paroxítonas e proparoxítonas devido à inserção de sufixos átonos também podem ser explicadas pela regra da extrametricidade: essas vogais, sílabas ou morfemas postônicos são desconsiderados por não terem participação no algoritmo de atribuição do acento. Essa “diversidade” posicional do acento acontece devido ao fenômeno da acentuação se dar no domínio do radical e não no da palavra. Sendo assim, as evidências apontam que o acento em Kamaiurá é um fenômeno de aplicação lexical, pois é sensível às informações morfológicas, suas regras não se aplicam entre palavras, está intimamente relacionado à estrutura interna da palavra, e pode possuir exceções.

A proeminência na última sílaba e alternância entre sílabas fortes e fracas, contando-se da direita para a esquerda, nos mostram que o Kamaiurá é uma língua com pé iâmbico:

(49)

/tata/

ta.¹ta

“fogo”

(. *)

jai

ja.i
(. *)

“lua”

(SEKI, 2000, p.419)

5.4. Avá-Canoeiro

5.4.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Avá-Canoeiro

Acerca da estrutura silábica, Borges (2006) identifica quatro padrões, sendo dois deles constituídos de sílabas abertas – V e CV – e dois de sílabas fechadas – VC e CVC. Esses dois últimos padrões ocorrem apenas em finais de palavras. Encontros vocálicos e consonantais inexistem na língua devido a processos fonológicos como inserção e apagamento de vogais e consoantes que visam manter os padrões silábicos preferenciais da língua.

Um fenômeno muito comum no Avá-Canoeiro é a inserção da vogal [ə] em sílabas CVC, provocando um processo de ressilabificação, transformando-a em duas sílabas CV, como pode ser observado no exemplo abaixo:

(50)

/a-jepik/ → [ɨ.ə.ʒe.p^hi:.kə] – “eu peguei”
v.cv.cv.cv

(BORGES, 2006, p. 103).

No que diz respeito ao acento na língua, Paiva (1996) afirma que, embora haja a ocorrência de oxítonas e proparoxítonas, a maioria das palavras é paroxítona. BORGES (2006) considera que “a maior parte das palavras do Avá-Canoeiro recebe o acento primário nas penúltimas sílabas dos radicais”, e descreve os seguintes exemplos:

(51)

/ja.ka.re/ → [ja.k^ha:.rɪ] – “jacaré”
/a.wa.ti/ → [ə.^hwa.tʃɪ] – “milho”
/o.ki.ti/ → [o.k^hi.tʃɪ] – “ele cortou”

(BORGES, 2006, p. 103).

No caso de palavras dissilábicas, o acento tende a recair na última sílaba, e no caso de flexão o acento possui a tendência de cair na penúltima ou antepenúltima sílaba (Borges, 2006). A linguista ainda descreve a inserção da vogal [ə] em palavras oxítonas de vogal final pesada, mostrando uma tendência na língua em tornar essas palavras paroxítonas.

Ao final do capítulo, a estudiosa apresenta a conclusão de que:

O acento primário do Avá-Canoeiro é previsível, fixo, não-fonêmico: as palavras são paroxítonas, exceto quando a última sílaba é pesada (\$CVC\$ e \$VC\$), situação em que podem ser oxítonas, caso não haja inserção de vogal [...]. Essa inserção pode levar ainda ao aparecimento de palavras fonéticas proparoxítonas.

(BORGES, 2006, p. 104).

Por fim, sabe-se que é de suma importância levar em consideração o papel do morfema de caso nuclear {-a} para que se possa estudar o acento e o ritmo de línguas da família Tupi-Guarani. Em tese sobre a morfossintaxe do Avá-Canoeiro, Borges (2006) observou que o morfema {-a} tem a função de marcar: a) sujeito de verbos intransitivos ativos; b) sujeito de verbo transitivo; c) objeto direto; d) complemento do verbo *ikó* (“ser/estar”); e) “possuidor” de construções possessivas; f) objeto das posições e g) predicado nominal. Há fenômenos, porém, que mostram que esse morfema pode estar caindo em desuso, já que acabou por se lexicalizar em uma série de palavras. Em outras situações {-a} pode dar lugar ao alomorfe { \emptyset }, mostrando que essa marcação parece estar perdendo seu caráter significativo.

5.4.2. Nossa proposta de análise do acento em Avá-Canoeiro

Sobre os padrões silábicos em Avá-Canoeiro é possível observar um processo de mudança em que as formas pesadas – VC e CVC – estão dando lugar à forma leve CV, em um processo de ressilabificação provocado pela inserção do fone [ə] – que embora tenha a mesma realização fonética de {-a}, não possui relação com este, pois aquele pode ocorrer tanto em nomes quanto em verbos e não possui função de fonema ou morfema e, portanto, sua utilidade é apenas para fins rítmicos. Isso quer dizer que mesmo existindo sílabas pesadas no nível fonológico, foneticamente há um predomínio ainda maior de sílabas leves.

No que se refere ao acento na língua, é possível observar que a maior parte das palavras realmente recebe o acento na penúltima sílaba do radical. Porém é importante salientar que há também uma considerável quantidade de exceções, como é possível verificar no quadro exemplificativo abaixo:

Acento na penúltima sílaba	Acento na última sílaba
/ja. <u>'ka</u> .re/ - “jacaré”	/ka.wu. <u>'re</u> / - “coruja”
/a. <u>'wa</u> .ti/ - “milho”	/pa. <u>'ku</u> / - “pacu”
/ji. <u>'ki</u> .war/ - “machado”	/ma.ni. <u>'ok</u> / - “mandioca”
/ <u>'wa</u> .pe/ - “costas”	/tu. <u>'kan</u> / - “tucano”
/mu. <u>'ka</u> .ʒa/ - “coco”	/ta. <u>'ʒaw</u> / - “porco-do-mato”
/ <u>'na</u> .mi/ - “orelha”	/pa. <u>'nam</u> / - “borboleta”
/ <u>'wa</u> .tʃu/ - “veado”	/ ku. <u>'rum</u> / - “menino”

Segundo Massini-Cagliari (1999), fenômeno semelhante ocorre no português em palavras como *café*, por exemplo.

Como anteriormente apresentado, a inserção do fone [ə] em sílabas pesadas transforma oxítonas em paroxítonas. Ora, isso nada mais mostra que as tendências a: 1) restrição à ocorrência de codas em sílabas pesadas e 2) padronização da posição do acento na penúltima sílaba da palavra.

Se esse fenômeno ocorre como forma de adequação fonética do ritmo na língua, não há porque considerarmos essa nova sílaba criada pela inserção de [ə] – a não ser em caso de formação de palavras proparoxítonas - como extramétrica.

5.4.2.1. Outros fenômenos relacionados ao acento

A) *Fusão de vogais* – quando a vogal final de um morfema é igual à seguinte, ocorre o fenômeno de fusão (BORGES, 2006, p.97). O que é possível se observar nos exemplos é que essa fusão parece atrair o acento:

(55)

/a-ata/ 1 sg-andar /\$V\$V\$CV\$/	[¹ a:tə]	‘eu andei’
	[\$V\$CV\$]	
/a-am/ 1 sg-deitar /\$V\$VCS\$/	[¹ ã:mə]	‘eu deitei’
	[\$V\$CV\$]	
/ere-e/ 2sg-dizer /\$V\$CV\$V\$/	[e ¹ re:]	‘você disse’
	[\$V\$CV\$]	
/ere-eko/ 2sg-ser, estar /\$V\$CV\$V\$CV\$/	[e ¹ re:qʊ]	‘você é, está’
	[\$V\$CV\$CV\$]	
/ere-em/ 2sg-sair /\$V\$CV\$VC\$/	[e ¹ rẽ:mə]	‘você saiu’
	[\$V\$CV\$CV\$]	
/o-o/ 3sg-ir /\$V\$V\$/	[¹ o:]	‘ele foi’
	[\$V\$]	
/o-ok/ 	[¹ o:kə] ~ [¹ o:kʷ]	‘ele tirou’

3sg-tirar
/\$V\$VC\$/ [\$V\$CV\$] [\$VC\$]

(BORGES, 2006, p.97)

B) *Schwa* [ə] (vogal alta central média não-nasalizada) – a ocorrência da vogal epentética [ə], desde que não nasalizada, parece repelir o acento da sílaba em que se encontra. Não foi encontrada nenhuma ocorrência de sílaba portadora de acento principal que tivesse [ə] em seu núcleo. Tal fenômeno também ocorre no português brasileiro, que não permite a atribuir o acento a vogais epentéticas.

5.4.2.2. Definindo as regras de acento e pé métrico binário

A língua parece estar em uma fase de transição em que o acento está se fixando na penúltima sílaba do radical ou da palavra, dando à sua realização certa previsibilidade. O acento em Avá-Canoeiro leva mais em consideração fatores fonológicos, tais como o peso silábico e a distância entre acentos. É importante observar que estes ocorrem em uma distância limitada a poucas sílabas entre si.

No que diz respeito à estrutura rítmica, a língua possui como pé métrico o troqueu moraico, pois na maioria dos casos ainda se leva em consideração o peso silábico. O processo de diminuição de sílabas pesadas provocada pela inserção vocálica e consequente ressilabificação indicam que a língua caminha para a adoção futura do troqueu silábico como pé marcador do ritmo. De qualquer forma, é interessante observar a sucessão rítmica de troqueus que se realiza:

(56)

Ita – “pedra” [ˈitə]

(* .)
i ta

puku – “comprido” [ˈpʰuqu]

(* .)
pu ku

kawaru – “cavalo” [kʰaˈwa:ɾu]

(* .)
ka wa ru

maʁakaja miri – “filhote de gato-do-mato” [maʁa,kaʒa'miri]
 (* .) (* .) (* .)
 ma ʁa ka ja mi ri

tata eni - “luz do fogo” [tʰata'eni]
 (* .) (* .)
 ta ta e ni

Transcrições fonéticas retiradas de Borges (2006) e marcação de pés métricos de nossa autoria

Tendo em vista favorecer a estrutura rítmica da língua, um acento que se localizava em uma determinada sílaba de uma palavra ou radical pode migrar para outra sílaba quando ocorre a formação de lexias compostas:

(57)

Oka – “casa” [ʰo:ka] e *oka-pe* – “na casa” [o'kʰape]

Paku - “pacu” [pʰa'qu] e *paku-uʁu* – “grande pacu” [pʰakuʁu]

Tukan – “tucano” [tʰo'kʰɔ̃n] e *tukan-i* – “tucano pequeno” [tʰokʰɔ̃nĩ]

Jawaʁa – “onça” [ʒa:Gʷəʁə] e *jawaʁa-ete-uʁu* – “grande onça” [ʒəGʷəʁitʰu:ʁu]

Transcrições fonéticas retiradas de Borges (2006)

Os exemplos anteriores mostram que a regra de distribuição de acento não segue somente informações sobre a estrutura interna da palavra, mas também sobre o ritmo. Outro fato importante é que o comportamento da acentuação nas palavras compostas funciona de fora de forma similar ao das palavras simples, pois as compostas recebem um único acento principal e isso se deve ao fato de que, ao atribuir o acento a esse lexema, as parentelizações internas à palavra isolada tiveram de ser eliminadas para se reorganizarem no processo de formação da palavra composta.

5.5. Guarani Mbya

5.5.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Guarani Mbya

Martins (2003) realizou uma análise fonológica da língua utilizando como base teórica o modelo de Hayes (1995). Inicialmente em sua tese, a linguista faz um retrospecto de todos os pontos principais do modelo paramétrico proposto por Hayes (1995).

Diante dos dados recolhidos, Martins (2003) classifica o Guarani Mbya como uma língua de pé iâmbico que leva em consideração o peso silábico como fator determinante para atração do acento. É permitido na língua, porém, que na falta de uma sílaba pesada, o pé iâmbico se constitua por duas sílabas leves. Sendo assim, ainda que o Mbya aceite a formação de pés iâmbicos defectivos, a forma padrão da língua é o iambo padrão com proeminência final, construídos da direita para a esquerda.

Dentro do padrão iâmbico, são aceitas três variações: /_ _ /, /_ - / e / - /

(58)

Pa.ra.kau “papagaio”

(. *)

˘ -

Ndee “você”

(*)

-

xi.vi “onça”

(. *)

˘ ˘

(MARTINS, 2003, p.202)

Os pés /_ - / e / - / respeitam a Lei Iâmbico/Trocaica de Hayes ao passo que o pé formado por duas sílabas leves /_ _ / viola essa regra. O sistema de atribuição do acento na língua, segundo Martins (2003, p.202), tem como principal correlato fonético a duração.

A linguista sintetiza a estrutura silábica da língua da seguinte forma:

É ponto de partida a definição da estrutura e do padrão silábico da língua, os quais mostram-se pouco complexos: todas as sílabas são abertas e somente o núcleo é obrigatório. Tanto o padrão silábico quanto a estrutura silábica

subjacente podem ser reduzidos à fórmula (C)V(V) e aos constituintes ataque e núcleo, respectivamente.

(MARTINS, 2003, p.204)

Segundo Martins (2003, p.198) “são morfemas acentuados as raízes nominais e verbais e sufixos derivativos. São morfemas não acentuados os sufixos flexionais e todos os prefixos”. A linguista, porém, não cita exemplos de sufixos flexionais.

Raízes verbais (mantêm o acento):

(59)

mbokoĩ	“dois”
-juká	“matar”
ajaká	“cesto”

(MARTINS, 2003, p.198)

Sufixos derivativos (atraem o acento):

(60)

mboka-‘í (espingarda-Dim)	“espingardinha”
juka-uká (fazer-Caus)	“fazer (alguém)matar”

(MARTINS, 2003, p.198)

A linguista também verificou que há no Mbyá uma forte proibição à formação de pés degenerados. Devido a isso, as palavras monossilábicas sofrem alongamento vocálico para que o acento possa incidir sobre ela, já que há a impossibilidade de formação de um pé constituído apenas por uma sílaba fraca.

(61)

$\underset{\sim}{X}e \rightarrow \underset{\sim}{x}ee$ “eu”
 (*) (*)

$\underset{\sim}{y} \rightarrow \underset{\sim}{yy}$ “água”
 (*) (*)

(MARTINS, 2003, p.200)

O fenômeno da extrametricidade ocorre majoritariamente em sílabas na extremidade esquerda:

(62)

(. *)

ky. xe “faca”

(. *)

Mbo.koĩ “dois”

(. *) “jacaré”

Já.ka.re

(. *) “cesto”

a.ja.ka

(MARTINS, 2003, p.199-200)

5.5.2. Nossos apontamentos sobre o acento em Mbya

Como Martins (2003), em sua análise fonológica da língua Guaraní Mbya, utilizou a teoria métrica como aporte teórico para o estudo do acento, faremos somente algumas considerações e adendos, pois concordamos com as conclusões obtidas pela linguista, frutos de uma análise muito bem fundamentada.

De acordo com essas análises prévias, conclui-se que o Mbyá é uma língua de acento fixo e previsível, por incidir sempre na última sílaba da palavra. Também devemos considerá-la uma língua cujo domínio de aplicação das regras do acento pertence ao radical, pois apesar de a grande maioria dos sufixos serem tônicos – o que atrairia o acento para a sílaba final da palavra – há os sufixos flexionais que possuem a especificidade de serem átonos e, conseqüentemente, extramétricos.

5.6. Araweté

5.6.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Araweté

Segundo Solano (2009) há na língua raízes verbais e nominais de uma a quatro sílabas, enquanto palavras derivadas não possuem um limite exato. As partículas e sufixos, por sua vez são constituídos de uma ou duas sílabas e raros são os casos de partículas trissilábicos.

O Araweté reconhece os padrões silábicos V, CV e CVC, sendo que neste último apenas /j/ pode ocupar a posição de coda:

(63)

/maj/	“cobra”
/kuj/	“cuia”
/a.mũj/	“avô”
/ha.waj/	“rabo”
/pa.pũj/	“papai”
/mũj/	“mamãe”

(SOLANO, 2004, p.82)

Solano (2009) constata que o acento na língua é lexical e recai sobre a última sílaba de raízes partículas e sufixos, sendo, portanto, de incidência previsível:

(64)

/haʔiwe/	[haʔi'βɛ]	‘amanhã’
/kumeʔe/	[kume'ʔɛ]	‘homem’
/paranĩ/	[para'nĩ]	‘rio’
/pane/	[pa'ne]	‘quase’
/hetete/	[hete'tɛ]	‘à toa’
/urukuku/	[uruku'ku]	‘surucucu’

(SOLANO, 2004, p.82)

Em palavras compostas, os temas mantêm seus acentos originais, porém o acento do tema final será o mais saliente:

(65)

/paranĩ/ ‘rio’ + /uhu/ ‘intensivo’	>	[para'nũu''hu] ‘rio grande’
/piʔã/ ‘sandália’ + /hu/ ‘intensivo’	>	[pi'ʔ''hu] ‘sandália grande’, ‘sapato’
/tʃitʃe/ ‘faca’ + /ʔi/ ‘atenuativo’	>	[tʃi'tʃɛ''ʔi] ‘faquinha’
/padidi/ ‘banana’ + /ʔi/ ‘planta, árvore’ ‘bananeira’	>	[padi'di''ʔi] ‘pé de banana’, ‘bananeira’

(SOLANO, 2004, p.82)

Alves define o acento da língua da seguinte forma:

Em Araweté, a última sílaba da palavra é a mais intensa (isto é, pronunciada com maior força expiatória). Em palavras de três ou mais sílabas destacam-se também pela intensidade as sílabas ímpares (a contar da direita para a esquerda).

(ALVES, 2008, p.69)

As poucas exceções à regra de acentuação estão em alguns empréstimos do português, que tendem a manter seus acentos originais:

(66)

[ka'tʃɛ]	‘café’
[ˈmãka]	‘manga’
[a'tʃuka]	‘açúcar’
[aba'katʃi]	‘abacate’
[na'rãɲã]	‘laranja’
[pa'rato]	‘prato’

(ALVES, 2008, p.70)

5.6.2. Nossa proposta de análise do acento em Araweté

A língua Araweté, por carregar o acento na última sílaba da palavra, pode ser classificada como iâmbica:

(67)

/tupe/	tu pe (. *)	“esteira”
/urukuku/	u ru ku ku (. *) (. *)	“surucucu”
/karahi/	ka ra hi (.) (. *)	“sol”

Transcrições de pés a partir de dados de Solano (2004)

Uma característica da língua é a formação de sequências rítmicas de iambos, o que nos dá a possibilidade de constatar que o acento está mais relacionado a aspectos fonológicos e que, portanto, é rítmico e limitado (caindo dentro de uma distância particular de outro acento).

Um acento fixo, como o da língua Araweté, dificilmente se condiciona a fatores morfológicos, tal como obedecer à estrutura interna da palavra. Apesar de o acento na língua estar condicionado à regra de incidir sobre a última sílaba do radical, caso a palavra contiver um sufixo esta regra será quebrada e o acento principal migrará para a última sílaba da palavra, deixando a sílaba originalmente saliente com uma marcação secundária. Com isso é possível também determinar que o domínio de aplicação das regras de acento é a palavra.

5.7. Tapieté

5.7.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Tapieté

Segundo González (2008), o acento em Tapieté é previsível, recaindo invariavelmente na penúltima sílaba da palavra.

O padrão acentual pode variar se houver o acréscimo de certos morfemas. Com isso, a palavra torna-se uma proparoxítona:

(68)

[¹ ka.ru]	karu	‘come’
[¹ ká.ru.ma]	káruma	‘comió’
[¹ ʃon.ʃo] s	honsho	‘tipo de pájaro’
[¹ ʃon.ʃo.mi]	shónshomi	‘tipo de pájaro’

(GONZÁLES, 2008, p.26)

O lugar do acento dentro de uma palavra fonológica pode ser modificado de acordo com a aplicação das regras do acento ocorrer antes ou depois da junção de morfemas à raiz lexical. Quando as regras de aplicação ocorrem antes da junção, a forma resultante possui o acento em sua localização padrão, que é na penúltima sílaba.

Suffix	Gloss	Example	Translation
-ä	NEG	a-karu-ä	‘I did not eat’
-ka	CAUS2	a-hênón-ka	‘I make him to call’
-ha	1PLEXCL	ndi-reka-ha	‘somebody is looking for you’
-kwe	AUG	ro'i-kwe	‘big icecream’
-ite	SUP	potá-ite-ma	‘(s)he wants a lot’
-se	‘DES1’	mbawiki-se	‘touchy feely’

Quadro 8. Sufixos monossilábicos que atraem o acento (Retirado de González 2005, p.90)

Quando as regras de aplicação do acento são aplicadas após a adição de morfemas – neste caso, clíticos – a palavra resultante tem o seu acento deslocado para a antepenúltima sílaba (GONZÁLES, 2005, pp.91-2).

-wa / -a	NMLZ	páye-wa	‘medecine man’
-e	REC	ó-ho-e	‘(s)he just left’
-pe	LOC	ténta-pe	‘in the village’
-ipi	LOCMOV	ténta-ipi	‘through the village’
-ma	RES	a-mi-ngwére-ma	‘I calm her/him down’
-pi	INST	shi-lapi a-mbapára-pi	‘I write with a pencil’
-po	FUT	a-máma-po	‘I will wrap it up’
-kwi	DISTFUT	a-káru-kwi	‘I will eat’
-kwe	PST	a-púka-kwe	‘I laugh’
-yi	FRQ	a-ñóno-yi	‘I put (it) again’
-re	DIR	kúpe-re mbipara	‘dibujá en la espalda’
-mi	DIM1	hása-mi	
-mba	NEG.	a-káru-mba a-iko	‘estoy sin comer’
-nda	EVD	há’e-nda	‘they say that he...’

Quadro 9. Sufixos monossilábicos que não atraem o acento (GONZÁLES, 2005, p.91)

Alguns fenômenos fonológicos também podem influir na localização do acento, como a regra de supressão da oclusiva glotal [ʔ], quando esta se encontra entre duas vogais:

(69)

$$\begin{aligned}
 [ʔ] &\rightarrow [\emptyset] / V_V \\
 V &\rightarrow [\emptyset] / V __ \# \\
 &\quad [\alpha \text{ alta}] \\
 &\quad [\beta \text{ anterior}]
 \end{aligned}$$

(GONZÁLES, 2008, p.27)

Abaixo, um exemplo de aplicação desta regra que resulta em deslocamento do acento para a última sílaba:

(70)

$$/kapiʔi/ [kapiʔi] \rightarrow [kapií] \rightarrow [kapi] \rightarrow kapi'i \text{ ‘pasto’}$$

(GONZÁLES, 2008, p.27)

O Tapieté reconhece três estruturas silábicas: V, CV e CVV, o que significa que a língua só aceita padrões abertos, carecendo de estruturas travadas por consoantes na coda.

(71)

/hepi/	['he.pi]	<u>CV</u> .CV	hepi	'caro'
/ama/	['a.ma]	<u>V</u> .CV	ama	'nuvem'
/haimbe/	['haj.mbe]	<u>CVV</u> .CV	haimbe	'assar'
/tajtetu/	[taj.'te.tu]	<u>CVV</u> .CV.CV	taitetu	'porco'

(GONZÁLES, 2008, p.28)

5.7.2. Nossa proposta de análise do acento em Tapieté

Não há dúvidas quanto ao padrão trocaico da língua, já que é a penúltima sílaba que sistematicamente carrega o acento, nos dando assim a seguinte compreensão do sistema de pés da língua:

(72)

hepi	/he.pi/	['he.pi]	'caro'
	(* .)		
ka-ru	/ka.ru/	['ka.ru]	'ele/ela come'
	(* .)		
kise	/ki.se/	['ki.se]	'faca'
	(* .)		
ndi-rete	/ndi.re.te/	[ndi.'re.te]	'teu corpo'
	(* .)		

Nos exemplos acima estão relacionadas palavras simples e compostas, sendo que em todas elas o acento recai na penúltima sílaba da palavra. Esta constatação nos leva à conclusão de que o algoritmo de atribuição do acento não parece sofrer influência de fatores morfológicos como sufixação ou composição. O fato de recair sistematicamente na penúltima sílaba da palavra nos mostra que o acento é previsível em sua localização, além de ser de natureza essencialmente rítmica, pois leva primordialmente em consideração fatores fonológicos, como a relação entre acento e limite de palavra.

Restaria então saber qual é o tipo de troqueu que a língua apresenta: o troqueu moraico, que leva em consideração estrutura e peso silábicos, ou o troqueu silábico, que não considera nenhuma destas variáveis?

A partir dos exemplos abaixo é possível observar que o Tapieté tem como pé métrico o troqueu silábico:

(73)

/haimbe/	['haj.mbe]	<u>CVV</u> .CV	haimbe	'assar'	
	/tajtetu/	[taj.'te.tu]	CVV. <u>CV</u> .CV	taitetu	'porco'

Em *haimbe* a tônica coincidentemente também é pesada, ao passo que em *taitetu* a sílaba pesada não atrai o acento, que permanece na penúltima posição silábica da palavra. O fato de a língua possuir um acento semifixo é pouco produtivo para a implantação de um sistema rítmico que mantivesse como padrão o troqueu moraico.

O sistema acentual da língua é de aplicação lexical pois se relaciona com estrutura interna da palavra, além de ser sensível quanto a informações morfológicas. O domínio de aplicação dessas regras é a palavra.

6. ANÁLISES: TUPI E NHEENGATU

O Tupi e seus dialetos, amplamente falados pela costa brasileira no período do Descobrimento, serviram como base linguística das Línguas Gerais Paulista (LGP) e Amazônica (LGA); esta última também é conhecida por Nheengatu. Da primeira, nenhum registro oral ou escrito sobreviveu até os dias atuais. O Nheengatu, por sua vez, continua sendo falado por diferentes comunidades próximas ao Rio Negro. Pode-se dizer que a LGA é resultado do Tupi modificado ao longo de cinco séculos.

Devido a essas peculiaridades, resolvemos dedicar uma seção à parte para as análises do Tupi e Nheengatu.

6.1. Tupi e Tupinambá

Há duas correntes opostas nos estudos tupinológicos atualmente: a primeira – que tem como seu principal defensor Aryon Rodrigues (1985) – afirma que o Tupi e o Tupinambá são duas línguas diferentes, sendo o Tupi restrito à antiga Capitania de São Vicente e o Tupinambá falado no restante no litoral. Essa tese baseia-se em algumas variações linguísticas registradas em gramáticas e textos antigos. Enquanto o tupinambá mantinha a consoante final de verbos na forma afirmativa e utilizava o pronome objetivo *i* antes dos prefixos causativos *mo-* e seu alomorfe *mbo-* (voz causativa) o tupi não os possuía. Essa última diferença chegou a ser descrita por Anchieta.

Abaixo, um quadro comparativo da variação entre Tupi e Tupinambá referente ao comportamento da consoante final em verbos na forma afirmativa:

Tupinambá	Tupi de São Vicente
Ikoa ɸ	Ikoa i
Jekotiman	Jekotimã
Ukar	Uká

Quadro 10. Verbos na forma afirmativa no Tupi de São Vicente e Tupinambá.

Uso e ausência do pronome objetivo *i* antes de *mo-* (ou *mbo-*):

Tupinambá	Tupi de São Vicente
Ereimongaipa	Eremongaipa
Oimbori	Ombori
Aimorãbuer	Amorãbue

Quadro 11. O pronome objetivo *i* antes de *mo-* no Tupinambá e Tupi de São Vicente.

Por sua vez, a segunda teoria – defendida por estudiosos como Navarro (2006) – sugere que Tupi e Tupinambá nada mais são que variantes de uma mesma língua, muitas vezes denominada de Tupi Antigo ou, simplesmente, Tupi. Para comprovar tal teoria, são levadas em consideração algumas observações: 1) Anchieta, Gândavo e outros autores reconheciam as diferenças dialetais, mas consideravam como pertencentes a uma mesma língua, tanto que Anchieta utilizou em seu *Auto de São Lourenço* as duas variantes simultaneamente; 2) As variantes não são suficientemente distintas para se cogitar a existência de dois idiomas diferentes.

Para as análises desta dissertação, consideraremos esta segunda teoria e fazendo, quando necessárias, observações acerca de ambas as variantes – Tupinambá e Tupi de São Vicente.

6.1.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Tupi

Anchieta (1990 [1595]) descreve que o acento na língua tupi antiga poderia variar conforme a estrutura morfológica da palavra, embora por padrão, a língua teria como base palavras oxítonas. Anchieta, porém, não especifica quais são os condicionamentos morfológicos do acento em Tupi. Anchieta faz os seguintes apontamentos sobre o acento na língua:

Todas as dicções acabadas nas quatro últimas vogais *i*, *o*, *u*, *y* têm o acento na última e notam-se com o acento agudo ou com til, se são nasais.

Algumas acabadas em *e*, que parecem ter o acento na penúltima, é por serem compostas, como *ikatúpe* nu (de *i-katú-pe*), *ñote só* (*ñó-te*); *o-eté-pe* em seu corpo.

As acabadas em *a*, algumas têm o acento agudo na última, como *tatá* fogo; outras na penúltima, como *óka* casa.

Os monossílabos, se são pronomes pessoais ou prefixos verbais ou sufixos enclíticos, não se acentuam, como acima *o-eté-pe*; os outros melhor se acentuam com o agudo ou til, como *ñó só*, *ñu* campo etc.

Os verbos, pela maior parte, têm o acento na última, em qualquer consoante ou vogal que acabem, como *ajuká* eu mato, *amondéb* eu meto etc.

Os mais acabados em *i*, precedendo vogal, têm o acento na penúltima ou se não de chamar contratos ou ditongos, como *akái* eu ardo, *ajuséi* eu desejo comer, beber.

Alguns poucos há acabados em *u*, precedendo vogal, têm o acento na penúltima, como estes passados (contratos ou ditongos), comumente, derivam de outras dicções, como *a-i-mo-ngaráu* eu o desconjunto, *xe éu* eu arrote.

(ANCHIETA, 1990 [1595], 154-5)

Cardoso, em adendo à edição *d'Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (in Anchieta, 1990 [1595], p.155) apresenta os seguintes sufixos como átonos (palavras com essas terminações seriam, necessariamente, paroxítonas ou proparoxítonas): *ma, ba, bae, ne, a, i, u* ou *i, pe, be, me, bo, pe, remeou neme* ou *eme* ou *e, bo* ou *mo, te, ramo* ou *namo* ou *amo* ou *mo*. O estudioso apresenta, também, prefixos que se unem a vocábulos sem que se altere o padrão acentual da palavra. Seriam esses prefixos: *mo-, ro-* ou *no-, por(o)-* ou *po-* ou *mo-* ou *mbor(o)-, te-* ou *t-, s-e* ou *s-, a-, gui-, ere-, e-, oro-, ja-* ou *nha-, pe-, opo-, i-, ij-, j-, inh-, nh-, s-, t-, ia-, jo-* ou *nho-, jos-* ou *nhos-, o-, ogu-, og-, gu-, g-, gue-, je-* ou *nhe-, mi-* ou *mbi-, re-* ou *r-, nda-, nd-, na-, n-, ta-, t-*.

Em capítulo dedicado ao acento no *Curso de Tupi Antigo*, Lemos Barbosa (1956, p.33) determina algumas regras para a localização do acento tônico: no caso de palavras terminadas em a) consoante; b) *y*; c) vogal nasal; d) ditongo crescente; e) *a, e, i, o, u* (desde que pertencentes ao radical da palavra) são oxítonas. Há, porém, *algumas partículas e sufixos enclíticos terminados em a, e, i, o ou u*. Foneticamente formam uma só palavra com o vocábulo anterior. Seriam essas partículas, segundo o próprio autor, o *-a, -e, -i, -u, -pe, -me, -be, -te, -ne, -mo, -bo, -no, -reme, -ramo*, entre outras.

No caso de palavras compostas por radical + sufixo(s), Barbosa (1956, p.33) explica que o acento tende a permanecer no radical, criando assim palavras proparoxítonas e até pré-proparoxítonas:

(74)

Morubixaba-pe
 Îuká-reme
 Sy-ramo-te-pe-ne?

(BARBOSA, 1956, p.33)

Em **Phonologie der Tupinambá-Sprache**, Aryon Dall'Igna Rodrigues (1958, p.83) reserva um trecho de sua tese para a descrição do acento na língua, onde o linguista também discorre sobre a questão da sufixação de palavras :

A intensidade do acento pode aparecer na última, penúltima ou antepenúltima sílaba de uma palavra. Além disso, várias sílabas das palavras podem trazer o acento. [...] Toda palavra terminada em consoante tem acento na última sílaba. Apenas palavras terminadas em vogal podem tê-lo em uma das três últimas sílabas. Destas, pois, apenas através de sufixos de palavras derivadas, o acento se mostra na penúltima ou antepenúltima sílaba. Palavras sem sufixo são, como toda raiz despida, acentuadas na última sílaba. A acentuação na penúltima ou antepenúltima sílaba depende, portanto, disso: o sufixo átono mono ou polissílabo segue a raiz da palavra. Por outro lado [...] a palavra carrega vários acentos quando é composta ou derivada de sufixos tônicos, nos quais cada acento corresponde a um membro da composição. Diante desta situação, produz-se como resultado que o comportamento dos acentos leva em consideração o ponto de vista morfológico.⁶

6.1.2. Nossa proposta de análise do acento em Tupi

O fato de todos os estudiosos apontarem que o algoritmo de atribuição do acento em Tupi obedece, primeiramente, a regras de caráter morfológico nos impossibilita afirmar que a língua possua acento rítmico. Todas as provas levam a se considerar esta língua como possuidora de acento morfológico e semifixo, pois sua localização é previsível e delimitável através de regras. A aparente diversidade posicional do acento acontece devido ao fenômeno da acentuação ocorrer no domínio do radical e não no da palavra. Sendo assim, as evidências apontam que o acento em Tupi é um fenômeno de aplicação lexical, pois é sensível às informações morfológicas; suas regras não se aplicam entre palavras; está intimamente relacionado à estrutura interna da palavra; e pode possuir exceções.

Uma exceção à regra de aplicação do acento (lexical) está nos sufixos tônicos que alteram a pauta acentual da palavra, como podemos observar nos exemplos abaixo:

⁶⁶ Original, em alemão: “Der Intensitätsakzent kann auf der letzten, vorletzten oder drittletzten Silbe eines Wortes auftreten (3.2.1.5.). Ausserdem können mehrere Silben eines Wortes des Akzent tragen (3.2.1.7.). Den in 3.2.1.5. Gesagten mus saber hinzugefügt werden, dass alle auf Konsonant endenden Wörter den Akzent auf der letzten Silbe haben. Nur vokalisches auslautende Wörter können ihn auf einer der drei letzten Silben haben. Von diesen aber nur durch Suffixe abgeleitete Wörter weisen den Akzent auf der vor- oder drittletzten Silbe auf. Wörter ohne Suffixe sind, wie jeder blosser Stamm, auf der letzten Silbe betont. Die Betonung auf der vor- oder drittletzten Silbe hängt also davon ab, ob dem Wortstamm ein einziger mehrsilbiges inbetontes Suffix folgt. Andererseits, wie in 3.2.1.7. gesehen, trägt ein Wort mehrere Akzente, Wenn es zusammengesetzt oder durch betonte Suffixe abgeleitet ist, wobei jeder Akzent einem Glied des Kompositums entspricht. Aus dieser Situation ergibt sich, dass das Auftreten des Akzents von einem morphologischen Standpunkt aus prädictabel ist”.

(75)

(a) porang 'bonito/-a'	po <u>rang</u> (. *)
(b) Porang-a 'bonito/-a' + nom.	po <u>ran</u> ga (. *)
(c) Porang-eté 'muito bonito/-a'	po ran ge <u>té</u> (. *)(. *)

Em (75-a) temos *porang*, radical cuja última sílaba é acentuada. Em (75-b) temos o radical mais o sufixo nominalizador átono {-a}: a adição desse sufixo não alterou a posição do acento na língua, o que nos permite considerar que a nova sílaba *ga* formada ao final seja extramétrica. Temos, neste exemplo, um processo típico que se enquadra no domínio lexical.

Já em (75-c) vemos uma exceção à regra de aplicação do acento: com a adição de um sufixo tônico, o acento principal migra para as margens da palavra, embora a sílaba *ran* ainda permaneça como a cabeça do pé métrico fraco (acento secundário). Como anteriormente apresentado, são previstas exceções para regras cujo domínio de aplicação se encontre no léxico.

A partir destas constatações, é possível se concluir que o tupi é uma língua de ritmo iâmbico (. *), visto que a regra geral é a acentuação na última sílaba do radical. Casos de incidência do acento na última sílaba da palavra devido a sufixo tônico só reforçam a tese de que a língua tem preferência pela proeminência final. As aparentes formas trocaicas que surgem em favor das ocorrências de paroxítonas, proparoxítonas e pré-proparoxítonas devido à inserção de sufixos átonos podem ser explicadas pela regra da extrametricidade: essas vogais, sílabas ou morfemas postônicos são desconsiderados por não terem participação no algoritmo de atribuição do acento.

Sendo assim, as palavras apresentadas por Barbosa (1956, p.33) teriam a seguinte estrutura métrica:

(76)

Mo ru bi xa ba-pe

(. *)

Îu ká -re me

(. *)

Sy-ra mo-te-pe-ne?

(*)

Nosso estudo anterior (MISTIERI, 2010, p. 20-21), que realizou uma análise do acento da língua realizado com base nas obras poéticas de Anchieta – via análise da estrutura métrica dos Poemas à Virgem, seguindo a metodologia de Massini-Cagliari (1999) – ajuda a comprovar as afirmações anteriores. A metodologia utilizada neste estudo baseou-se nos trabalhos de Massini-Cagliari com o português arcaico. Segundo a linguista:

“A única maneira de se estudar historicamente fenômenos como a acentuação e ritmo é através de textos poéticos metrificados, porque é somente a estrutura métrica dos versos que pode fornecer pistas a respeito da estrutura prosódica (aí incluída a estrutura métrica) de palavras de uma época da língua (ou de uma língua já não mais falada) que se conhece apenas através de textos escritos. Neste sentido, o estudo da estruturação rítmica dos versos (número de sílabas poéticas, posição do acento) faz-se imprescindível, porque pode fornecer pistas da localização do acento em palavras já em desuso e em vocábulos desconhecidos.” (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p.181).

Dos poemas que foram analisados, foram encontradas 366 palavras diferentes em posição de rima, dentre as quais 217 eram paroxítonas (59,29%), 146 oxítonas (39,89%) e 3 monossílabos tônicos (0,82%). No caso das paroxítonas, identificou-se que todas as palavras possuem terminações em -a, -i, -mo, -bo, -pe, -ne, -me, -u. Todas essas partículas estavam previstas como átonas por Lemos Barbosa (1956) e por Cardoso em adendo a edição de 1990 da *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (escrita originalmente por Anchieta no final do século XVI). A saber:

{-a} – Caso nuclear, também conhecido como sufixo nominalizador, que tem como função transformar uma cláusula verbal finita em um sintagma nominal. Este sufixo se apresenta em diversas línguas da família.

{-ne} – Partícula expletiva, afirmativa de realce

{-mo} e {-bo} – sufixos indicativos de gerúndio

{-pe} – sufixo indicativo de locativo

{-i} e {-u} – expressam modo indicativo circunstancial

{-me} – indicativo de oração subordinada adverbial

Não foram encontradas ocorrências de paroxítonas que não possuíssem algum tipo de sufixação.

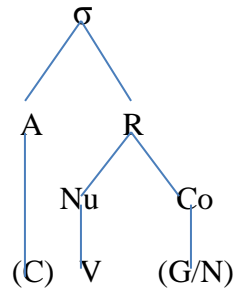
Esta constatação somente endossa a tese de que a língua leva em consideração aspectos morfológicos ao estabelecer padrões acentuais, em detrimento das características fonológicas.

6.2. Nheengatu

6.2.1. O que os estudiosos dizem sobre o acento em Nheengatu

O molde silábico do Nheengatu comporta, segundo Cruz (2011), as seguintes estruturas: C, CV, CVN, VG e CVG#⁷

(77)



Já na visão de Borges (1991, p.75) o molde silábico pode ser representado pela fórmula (C¹)(C²)V(C³). Os tipos silábicos existentes seriam: V, CV e CCV – abertos – e VC, CVC e CCVC – fechados (o padrão aberto CCV e os fechados VC e CVC são encontrados, em sua maioria, em empréstimos do português). As formas V e CV são as mais recorrentes.

É permitida em Nheengatu a existência de ditongos crescentes e decrescentes constituídos por uma vogal e um glide – [w] ou [j]. Há uma ocorrência também que envolve a combinação de um ditongo crescente e um decrescente (Cruz, 2011).

De todos os padrões silábicos existentes, o mais produtivo na língua é o CV e Cruz (2011, p. 65-70) descreve alguns processos fonológicos que visam a favorecer esse padrão na língua.

O primeiro deles é a elisão ou apagamento silábico em sílaba sem ataque – no caso, sílaba V – fora do pé métrico forte em início de sílaba:

(78)

<axirura> /aʃiˈru.ra/ ‘calça’
 a ʃi ru ra
 (· x)
 [ʃi. ˈru.ra]

(69)

<apiga> /apiˈga/ ‘homem’
 a pi ga
 (· x)

⁷ Onde “C” se refere a consoante, “V” a vogal, “N” a nasal e “G” a glide.

[a.pi.'ga] ~ [pi.'ga]

<awapika> /aua'pika/ 'sentar'

a ua pi ka
 (· x)
 (· x)

[a.wa.¹pi.ka] ~ [wa.¹pi.ka]

(CRUZ, 2011, p.66)

A linguista sinaliza, porém, que se a sílaba sem ataque estiver dentro do pé métrico, não poderá ser reduzida.

(79)

<ukena> /u'kena/ 'porta'

u ke na
 (· x)

[u.¹ke.na]

*[¹ke.na]

<igara> /i'gara/ 'canoa'

i ga ra
 (· x)

[i.¹ga.ra]

*[¹ga.ra]

<itá> /i'ta/ 'pedra'

i ta
 (· x)

[i.¹ta]

*[¹ta]

<awa> /a'ua/ 'cabelo'

a ua
 (· x)

[a.¹wa]

*[¹ua]

(CRUZ, 2011, p. 67)

Outra condição para que se realize o apagamento é a de que a sílaba não possa ser um morfema:

(80)

<ayuká> /a-iu'ka/ '1sgA-matar'

a iu ka
 (· x)

[a.ju.¹ka]

(CRUZ, 2011, p. 67)

Neste caso, “a” é um morfema número-pessoal. Portanto, se fosse apagado geraria uma alteração de sentido. No falar dos Baniwa, essa sílaba V que contém o morfema {a-} recebe a fricativa glotal [h] para ocupar a posição de ataque. Uma palavra como /a-iuka/ passa a ser pronunciada como [ha.ju.'ka] (CRUZ, 2011, p.68).

Em Nheengatú ocorrem também alguns processos fonológicos que visam evitar a ocorrência de hiatos. O primeiro desses processos refere-se à formação de glides:

Em sequencias V1V2, onde V2 não é acentuada, forma-se um glide intermediário caso as sílabas imediatamente anteriores tenham como núcleo as vogais altas /i/ e /u/. A vogal /i/ engatilha a epêntese do glide anterior [j], como ilustrado em (75a). A vogal /u/ engatilha o glide posterior, como ilustrado em (75b). Caso V2 seja acentuado, há variação entre hiato e ditongo:

(81)			
(a)			
/sia/	[¹ si.ja]	várias entidades	
/s-ĩ ¹ Pia/	[sĩ. ¹ bi.ja]	3sgE-beira	
/piasaua/	[pi.ja. ¹ sa]	piçaba	
(b)			
/sua ¹ su/	[su.wa. ¹ su]	veado	
/sua ¹ fara/	[su.wa. ¹ fa]	responder	
(b)			
/pu ¹ fu ¹ era/	[pu.fu. ¹ wɛra] ~ [pu.fu. ¹ ɛ.ra]	ser feio	
/u-sikie/	[u.si.ki. ¹ jɛ] ~ [u.si.ki. ¹ ɛ]	3sgA-sobreviver	
/putia/	[pu.ti. ¹ ja] ~[pu.ti. ¹ a]	peito	

(CRUZ, 2011, p. 69)

O segundo caso ocorre quando há o encontro entre duas vogais idênticas. De acordo com a variante do Nheengatú, uma solução é adotada para reduzir esse encontro. O processo mais comum é o de haplologia, onde uma das vogais idênticas é apagada.

(82)

/ma'ni-'iua/	[ma. ¹ ni.wa]	mandioca
/ku'fi-'ima/	[ku. ¹ fi.ma]	antigamente
/ma-'asi/	[¹ ma.si]	doença

(CRUZ, 2011, p. 70)

Já nas variantes faladas em São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro não há a eliminação de nenhuma das vogais, o que resulta em uma sílaba de forma longa.

Uma segunda forma pela qual a língua se utiliza para evitar o hiato é a transformação de uma sequência KuV (desde que o /u/ não seja acentuado) em K^wV

(83)

/kuera/	[¹ kwe. ra]	nome genérico de caduco
/kuere/	[¹ kwe.re]	estar cansado
/ai'kue /	[aj. ¹ kwe]	antigamente
'kuara/	['kwa.ra]	buraco

(CRUZ, 2011, p. 70)

A língua possui uma forte restrição quanto à ocorrência de palavras monossilábicas (somente os clíticos poderiam ser constituídos de uma única sílaba). Em regra geral, a palavra prosódica deverá ser constituída por, no mínimo, um pé métrico dissilábico e com duas moras (Cruz, 2011, p.71). Ainda, segundo a autora:

Um ditongo é formado apenas em palavras cujo número de sílabas preenche os requerimentos de palavra mínima. Caso o contrário, ocorre hiato. Nos exemplos (78-a) e (78-b), a criação de um ditongo crescente não resulta em uma palavra mínima, por outro lado, com a última vogal alta acentuada, a criação de um ditongo descendente é proibida, pois vogais acentuadas sempre funcionam como núcleo silábico. Segue que a única maneira para realizar a palavra mínima é mantendo o hiato.

Cruz (2011, p.71)

Os exemplos citados pela autora seguem abaixo:

(84)

(a)	<ui> /u'i/ (μ. μ) (σ σ) (• x) [u.'ʔi] Farinha
(b)	<iu> /i'u/ (. x) [i.'ʔu] Tempestade

(CRUZ, 2011, p.73)

Os monossílabos, quando ocorrem de forma isolada, sofrem reduplicação em suas vogais:

(85)

Reduplicação fonológica
/CVx/ > [CVx.'ʔVx]

/pa/ [pa.'ʔa] reportativo
/ka/ [ka.'ʔa] mato
/pe/ [pe.'ʔe] caminho
/mã/ [mã.'ʔã] nome genérico (coisa)
/ê/ [ê.'ʔê] afirmativo (sim)
/su/ [su.'ʔu] animal
/i/ [i.'ʔi] água

(CRUZ, 2011, p.72)

Segundo Cruz (2011), atualmente o caso nuclear {-a} – cuja função em momentos anteriores do idioma era idêntica à de outras línguas tupi-guarani – perdeu seus valores morfológico e sintático, funcionando agora apenas como vogal epentética.

Aparentemente, não há uma regra que dê conta de explicar em quais contextos {-a} aparece e em quais é apagado da sílaba final:

(86)

[pi'nim] → [pi'nima]

[su'rib] → [su'ri]

A grande maioria das palavras paroxítonas na língua assim o é devido aos vestígios desse morfema.

Sobre o acento, Borges (1991) o considera “fonêmico”, podendo incidir na última ou na penúltima sílaba da palavra. No caso de palavras compostas, os acentos são conservados, porém o principal será de propriedade do constituinte que estiver mais à direita:

(87)

/kupé/ ‘costas’ + /kãwéra/ ‘osso’ = /kupèkãwéra/ ‘espinhaço’

/ména/ ‘marido’ + /íma/ ‘privado de’ = /mènaíma/ ‘viúva’
 /wirá/ ‘pássaro’ + /mirí/ ‘pequeno’ = /wiràmiri/ ‘passarinho’
 /nambí/ ‘orelha’ + /púra/ ‘pertinência’ = /nambipúra/ ‘brinco’
 /akánga/ ‘cabeça’ + /íwa/ ‘ruim’ = /akàngaíwa/ ‘doido’
 /yaβiú/ ‘choro’ + /wéra/ ‘habitual’ = /yaβiùwéra/ ‘chorão’
 /tatá/ ‘fogo’ + /tínga/ ‘branco’ = /tatátínga/ ‘fumaça’
 /kurumí/ ‘menino’ + /asú/ ‘grande’ = /kurumiasú/ ‘rapaz’
 /íra/ ‘mel’ + /mãya/ ‘mãe’ = /ìramãya/ ‘abelha’

(BORGES, 1991, p.87)

Há partículas, sobretudo, que, sendo átonas, ao serem anexadas a palavras oxítonas, transformam-nas em paroxítonas. Um exemplo de partícula átona é o atenuativo {-ntu} (BORGES, 1991, p.88).

Para Cruz (2011, p.75) o Nheengatú possui acento imprevisível, podendo ocorrer tanto na última quanto na penúltima sílaba da palavra como podemos observar em alguns exemplos abaixo:

(88)

pirá /pi'ra/ [pi.'ra] peixe
 pira /'pira/ ['pi.ra] corpo
 mirá /mi'ra/ [mi.'ra] árvore
 mira /'mira/ ['mi.ra] gente
 será /se'ra/ [se.'ra] questão polar
 s-era /'s-era/ ['se.ra] 3sgE-nome
 ayuká /a-iu'ka/ [a.ju.'ka] 1sgA-matar
 ayuka /a-'iuka/ [a.'ju.ka] 1sgA-tirar

Dados presentes em Cruz (2011, p.75) retirados de Grenand e Ferreira (1989)

Com base nesses dados, Grenand e Ferreira (*apud* CRUZ, 2011) concluem que o padrão acentual da língua teria sofrido influências do português. Essa influência, porém, não teria alterado o pé métrico preferencial do Nheengatú (iâmbico), visto que no português o pé métrico preferencial é o troqueu moraico (Massini-Cagliari, 1999). Ainda segundo Cruz (2011, p.76), a construção do pé na Língua Geral Amazônica se dá a partir da margem direita (direita-esquerda).

Para comprovar que o padrão rítmico preferencial é o iambo, a linguista utiliza como argumento o fenômeno já anteriormente exposto da reduplicação de monossílabos tônicos, em

que estes se tornam dissílabos com acento final. Outra evidência estaria no processo de apócope:

(89)	/pia'saua/	[pi.ja.'sa.wa] ~ [pi.ja.'sa]	piaçaba
	/gara'paua/	[ga.ra.'pa.wa] ~ [ga.ra.'pa]	porto
	/u-'paua/	[u.'pa.wa] ~ [u.'pa]	3sgA-acabar
	/u-muka'turu/	[u.mu.ka.'tu.ru] ~ [mu.ka.'tu]	3sgA-guardar
	/mu'iri/	[mu.'i.ri] ~ [mu.'i]	muito
	/musa'piri/	[mu.sa.'pi.ri] ~ [mu.sa.'pi]	três

(CRUZ, 2011, p.77)

Nesse processo, são eliminadas as sílabas pós-tônicas em final de palavra, caso seu núcleo possua vogal idêntica à do núcleo da sílaba em que recai o acento.

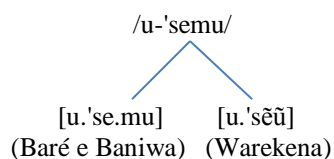
Um terceiro fenômeno relacionado ao estabelecimento do padrão iâmbico está no apagamento de [r] em palavras cujas sílabas finais sejam ¹(C)V.rV#. Com a supressão do tepe, a sílaba passa a ser ¹(C)Vj#, como é possível de se observar a partir dos casos abaixo:

(90)	/u-ru'iar/	[u.ru.'ja.ri] ~ [u.ru.'ja]	3sgA-acreditar
	/u-pu'tari/	[u.pu.'taj] ~ [u.pu.'taj]	3sgA-querer
	/u-'fari/	[u.'fa.ri] ~ [u.'faj]	3sgA-deixar (Português <i>deixar</i>)
	/u-pu'deri/	[u.pu.'de.ri] ~ [u.pu.'dej]	3sgA-poder (Português <i>poder</i>)

(CRUZ, 2011, p.78-9)

Na variedade falada no rio Xiê (Wakerena) ocorrem, segundo Cruz, fenômenos de ditongação semelhantes ao descrito acima, porém que envolvem queda de consoantes nasais em sílabas (C¹)V.C²V# onde C² possua o traço [+nasal]:

(91)



6.2.1.1. Adaptações fonológicas aos empréstimos do português

No caso de nomes e adjetivos é preservado o padrão acentual do Português. Porém, no caso dos verbos, há algumas adaptações ao ritmo acentual do Nheengatu, como por exemplo, o acréscimo da vogal [i] (e conseqüente apagamento de [r]), já que a forma portuguesa violaria a regra de restrição de coda:

Língua	Estágio	Processo	Exemplo
PB	0		/eskravi ¹ zaR/ [is.kra.vi. ¹ zaR]
Nh	1	* CODA final > Epêntese <i>i</i>	/iskravi ¹ zari/ [is.kra.vi. ¹ za.ri]
	2	lâmbico	/eskravi ¹ zari/ [is.kra.vi. ¹ zaj]

Quadro 12. Adaptações fonológicas do Nheengatu a empréstimos do português. (CRUZ, 2011, p. 79)

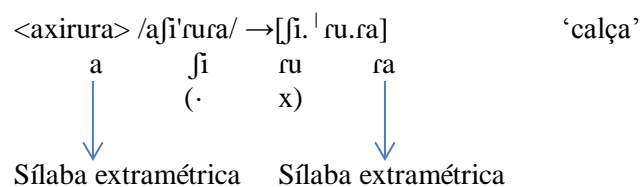
6.2.2. Nossos apontamentos sobre o acento em Nheengatu

Diferentemente da grande maioria das línguas indígenas brasileiras, o Nheengatu foi fonte de significativos estudos sobre o acento e outros fenômenos prosódicos, tendo inclusive utilizado como aporte teórico a Teoria métrica. Assim sendo, parte dos resultados das análises de acento já realizadas na língua, tais como as conclusões obtidas por Cruz (2011) acerca do pé métrico binário preferencial da língua ser o iambo, serão ratificadas por nós nesta pesquisa.

Sobre o fenômeno de elisão silábica, foi descrito que a sílaba apagada é sempre sem ataque e se localiza fora do pé métrico acentuado, ou seja, em um pé fraco. Com isso, é

possível se julgar que o motivo que possibilita o apagamento desta sílaba é o fato de esta ser considerada extramétrica:

(92)



É interessante reiterar que há ocasiões em que o acento, apesar de recair por padrão na última sílaba, pode incidir na penúltima sílaba da palavra. O que ocorre, porém, é que grande parte dessas ocorrências são de palavras terminadas em [a], como podemos observar nos exemplos já apresentados por Cruz (2011, p.75) e por nós anteriormente reproduzidos.

(93)

pirá /pi'ra/ [pi.'ra] peixe
 pira /'pira/ ['pi.ra] corpo
 mirá /mi'ra/ [mi.'ra] árvore
 mira /'mira/ ['mi.ra] gente

Ora, os exemplos acima indicam que o Nheengatu parece sofrer um fenômeno muito semelhante ao que ocorre na língua Asurini do Xingu. No caso, o {-a} final das palavras paroxítonas parece ser um vestígio do caso nuclear, partícula que se encontra em vias de lexicalização em ambas as línguas. Dessa forma, poderíamos definir a estrutura morfológica da seguinte maneira:

(94)

pirá	/pi'ra/	[pi.'ra]	“peixe”
pira	/'pira/	['pi.r + a]	“corpo”
mirá	/mi'ra/	[mi.'ra]	“árvore”
mira	/'mira/	['mi.r + a]	“gente”

Há exemplos, que embora sejam minoria, fogem à regra acima e que indicam que o acento pode em alguns casos ter a função distintiva:

(95)

será /se'ra/ [se.'ra] questão polar
 s-era /'s-era/ ['se.ra] 3sgE-nome
 ayuká /a-iu'ka/ [a.ju.'ka] 1sgA-matar

ayuka /a-'iuka/ [a.'ju.ka] 1sgA-tirar

Dados presentes em Cruz (2011, p.75) retirados de Grenand e Ferreira (1989)

Portanto, diferentemente de Cruz (2011), que considera o acento imprevisível, defendemos que o padrão acentual na língua é essencialmente previsível, pois a imensa maioria das ocorrências pode ser explicada através de regras de caráter morfofonológico, tais como a preferência pelo pé iâmbico e a incidência do acento na última sílaba do radical. Embora haja exceções, estas são em número muito inferior às ocorrências que se encaixam na regra. Outro ponto do qual discordamos é a conclusão de Grenand e Ferreira (1989 *apud* Cruz, 2011) de que o acento em Nheengatu teria sofrido influências do Português. Os exemplos recolhidos por Cruz (2011) e Borges (1991) nos mostram o contrário: que o português parece ter exercido pouca influência no estabelecimento das regras de atribuição do acento na língua, interferindo apenas no padrão acentual dos empréstimos de nomes e adjetivos de origem lusófona.

7. Análise comparativa

De acordo com as informações obtidas através das análises individuais das línguas, pudemos traçar um perfil dos padrões acentuais de cada uma delas. Abaixo, encontra-se um quadro comparativo sintético de aspectos do acento nas nove línguas descritas nesta pesquisa:

	Pé básico	Sensibilida de ao peso silábico	Acento rítmico x morfológico	Tipo de aplicação	Domínio de aplicação
Asurini do Xingu	lambo	Sim	Morfológico	Lexical	Radical
Xetá	Troqueu silábico	Não	Rítmico	Lexical	Palavra
Kamaiurá	lambo	Sim	Rítmico	Lexical	Radical
Avá-Canoeiro	Troqueu moraico	Sim	Rítmico e Morfológico	Lexical	Palavra
Guarani Mbyá	lambo	Sim	Rítmico	Lexical	Radical
Tapieté	Troqueu silábico	Não	Rítmico	Lexical	Palavra
Araweté	lambo	Sim	Rítmico	Lexical	Palavra
Tupi	lambo	Sim	Morfológico	Lexical	Radical
Nheengatú	lambo	Sim	Morfológico	Lexical	Radical

Quadro 13. Comparativo entre as línguas da família Tupi-Guarani.

Para facilitar o entendimento da análise, separamos as línguas em alguns grupos:

7.1. Tapieté, Xetá e Guarani Mbyá

O Tapieté e o Xetá, classificados por Rodrigues e Cabral (2002) como pertencentes ao mesmo grupo I, são línguas que compartilham bastantes semelhanças não só em aspectos fonológicos como também morfossintáticos. Ambas as línguas possuem grande proximidade com dialetos Guarani, além de compartilharem da mesma região geográfica, a Bacia do Prata. O fato de duas línguas de um mesmo subgrupo apresentarem mudanças conjuntas sinaliza que em um dado momento da história essas línguas estiveram geograficamente mais próximas e estiveram sujeitas a semelhantes variações.

O etnógrafo Erland Nordenskiöld (1917) alegava que os Chiriguanos viviam originalmente nas regiões Sudeste e Sul do Brasil e que, durante o século XVI migraram para as Serras Andinas Orientais. Tal teoria pode nos ajudar a explicar o motivo de tamanha semelhança nas regras de acentuação do Tapieté e do Xetá: ambas as línguas, além de trocaicas, são insensíveis ao peso silábico, de acento essencialmente rítmico, e cujo domínio de aplicação das regras de acentuação se dá nos limites da palavra.

O Guarani Mbya não compartilha dos mesmos padrões acentuais do Xetá e do Tapieté, já que, assim como os outros dialetos Guarani, possui proeminência na última sílaba (iambo). Sobre os padrões acentuais nos dialetos Guarani (Avánhe'em ou Guarani Paraguaio, Nhandéva, Kaiowá e Mbyá), Dooley (2006) afirma que:

Entre estes dialetos, Mbyá tem a tendência mais forte para a tonicidade ocorrer na última sílaba (dentro de uma locução que desempenharia o papel de constituinte da oração). Aliás, essa tendência constitui a regra geral em todos os quatro dialetos, mas ela atua de uma forma mais extrema em Mbyá.

(DOOLEY, 2008, p13)

7.2. Asurini do Xingu, Araweté e Kamaiurá

As duas primeiras línguas pertencem, segundo as classificações de Rodrigues (1985) e Rodrigues e Cabral (2002) ao grupo V da família Tupi-Guarani e localizam-se na região do Tocantins-Mearim (DIETRICH, 2010), o que significa que, além de linguisticamente próximas também o são geograficamente.

No que diz respeito ao acento, porém, há diferenças entre ambas. O Araweté, por ser uma língua em que o acento recai sistematicamente na última sílaba da palavra (independentemente de sua composição morfológica) e por manter sequências alternadas entre sílabas fortes e fracas, o que dá ao acento caráter rítmico, difere do Asurini do Xingu, língua de acento essencialmente morfológico.

Mesmo localizando-se em uma região um pouco mais distante – o Alto Xingu - o Kamaiurá possui mais características em comum com o Asurini do Xingu do que o Araweté, no que diz respeito a padrões acentuais. Uma possível explicação para esta relativa diferença que o Araweté possui em relação às demais está no fato de seu povo ser historicamente migrante, o que deixaria na língua, no decorrer dos anos, marcas de influências de outros idiomas falados por povos com os quais os Araweté mantiveram contato.

O fator migração também pode ser levado em consideração ao se analisar historicamente os índios Kamaiurá. Segundo Seki (2000) existem estudos que indicam um deslocamento dos Kamaiurá a partir do Norte do País. Não há, no entanto, um consenso sobre a localização originária do povo.

Mesmo possuindo semelhanças não podemos afirmar que o Kamaiurá e o Asurini do Xingu tenham tido grande contato ou convivência nos tempos antigos pautando-nos apenas em comparações do acento nas duas línguas. Seriam necessários estudos mais completos que envolvessem linguística, história e antropologia para que qualquer hipótese de contato mais estreito entre os dois povos possa ser comprovada ou mesmo refutada.

7.3. Tupi e Nheengatu

Em verdade, nota-se que o Nheengatu herdou quase que integralmente o sistema de acentuação do Tupi – mais especificamente da variante Tupinambá – língua da qual deriva:

	TUPI	NHEENGATU
Pé métrico preferencial	lambo	lambo
Sensibilidade ao peso silábico	Sensível	Sensível
Previsibilidade da localização do acento	Totalmente previsível	Altamente previsível
Domínio de aplicação das regras de acentuação	Lexical	Lexical
Acento rítmico e acento morfológico	Combinação de fatores rítmicos e morfológicos	Combinação de fatores rítmicos e morfológicos

Quadro 14. Padrões acentuais do Tupi e Nheengatu.

- i. **Sensibilidade ao peso silábico** – toda língua iâmbica é, em sua natureza, sensível ao peso silábico (Hayes, 1995).
- ii. **Acento previsível** – embora não seja fixo, o acento em Tupi é considerado previsível por estar sujeito a determinadas regras de caráter morfofonológico, tais como a sua incidência na última sílaba do radical (desde que acompanhado por sufixo átono) e a opção preferencial pelo alinhamento à direita.
- iii. **Aplicação lexical das regras de acentuação** - o acento de ambas as línguas é de aplicação lexical, pois: é sensível às informações morfológicas; suas regras não se aplicam entre palavras; está intimamente relacionado à estrutura interna da palavra, além de possuir exceções.
- iv. **Fatores rítmicos e morfológicos** – embora inicialmente Hayes (1995) tenha proposto uma oposição entre esses dois sistemas acentuais, estudos recentes comprovam que é possível que uma língua combine esses dois fatores em seu algoritmo de distribuição do acento, regra essa que é seguida pelo Tupi e pelo Nheengatu. Considera-se como um fator rítmico o fato dessas línguas possuírem um sistema de acento que considere o peso silábico, ao passo que a preferência do acento em recair na última sílaba do radical representa um fator morfológico de atribuição acentual.

7.4. Avá-Canoeiro

Dentre as línguas estudadas, o Avá-Canoeiro é a que certamente mais tem diferenças quanto a padrões acentuais: é a única a possui o troqueu moraico como pé métrico padrão, o que indica que o acento migrou da última para a penúltima sílaba da palavra, mas não perdeu a sensibilidade ao peso silábico. Outro fator intrigante é a localização geográfica dos falantes da língua – distantes de qualquer outro idioma com características semelhantes. Os falantes do Avá-Canoeiro se encontram às margens do Rio Tocantins próximo à divisa do estado de mesmo nome e Goiás, no Centro-Oeste brasileiro.

É possível que as mudanças que a língua tenha sofrido no que diz respeito a padrões acentuais independam de influências de qualquer outro idioma Tupi-Guarani, pois além de se encontrar muito distante do Xetá e do Tapieté – também trocaicas – o comportamento do acento no Avá-Canoeiro difere substancialmente destas duas línguas, principalmente no que se refere à função do peso silábico na marcação do acento.

7.5. Outras línguas

Segundo Cabral (1998), as línguas Wayampi e Asurini do Tocantins também teriam como características o acento na penúltima sílaba do radical. Embora não se aprofunde no assunto, Cabral (1998) ao fazer tal afirmação nos revela que o fenômeno da migração do acento à esquerda não está restrito a tão poucas línguas. Infelizmente essas línguas não possuem estudos mais aprofundados que poderiam fundamentar uma análise bem estruturada do acento por parte desta pesquisa.

Conclusões

O objetivo desta pesquisa era esclarecer as possíveis semelhanças e diferenças no padrão acentual das línguas Tupi-guarani; se realmente essas línguas são oxítonas ou se possuem padrões distintos; se o acento é contrastivo, ou mesmo se previsível ou não. O assunto, dada a sua tamanha proporção e abrangência, não poderia ser esgotado apenas em uma dissertação de mestrado ou em uma tese de doutoramento.

Como já dito em seção anterior, o projeto de se realizar uma análise comparativa entre todas as línguas da família Tupi-Guarani é absolutamente inviável a curto ou médio prazo, sendo necessário bom tempo de estudo e uma miríade de pessoas engajadas no mesmo projeto. Sendo assim, as hipóteses aqui levantadas só serão comprovadas ou refutadas após análises mais abrangentes das demais línguas pertencentes à família.

Com as análises realizadas nesta pesquisa, pudemos classificar seis línguas em três grupos de acordo com as semelhanças no que diz respeito a padrões acentuais:

I – Xetá e Tapieté

- Segundo a classificação de Rodrigues e Cabral (2002), pertencem ao mesmo ramo (Ramo I) da família Tupi-Guarani;
- Possuem o troqueu silábico como pé padrão;
- São insensíveis ao peso silábico;
- Possuem acento essencialmente rítmico;
- Domínio de aplicação das regras de acentuação está na palavra;
- A aplicação das regras de acentuação se dá no léxico;

II – Kamaiurá e Asurini do Xingu

- Possuem o iambo como pé padrão;
- Sensíveis ao peso silábico;
- Acento de aplicação lexical
- Domínio de aplicação das regras de acentuação está no radical;
- Relativa proximidade geográfica;

III – Tupi e Nheengatu

- Segundo a classificação de Rodrigues e Cabral (2002), pertencem ao mesmo ramo (Ramo III) da família Tupi-Guarani;

- Possuem o iambo como pé padrão;
- Sensíveis ao peso silábico;
- Possuem acento essencialmente morfológico;
- Acento de aplicação lexical
- Domínio de aplicação das regras de acentuação está no radical;

As outras três línguas restantes possuem diferenças que não possibilita serem encaixadas em nenhum dos três grupos acima.

Dentre as nove línguas estudadas, duas características do acento se mostraram constantes: sua previsibilidade e aplicação lexical. Embora as regras de atribuição do acento variem de língua para língua, todas mantêm um padrão de acento fixo ou semifixo que possivelmente possa existir desde o Proto Tupi-Guarani.

A maior constatação está na descoberta de três línguas de pé métrico trocaico, pondo em xeque a hipótese de um padrão iâmbico único da família. É possível observar que a maioria das línguas realmente possui o iambo como pé métrico padrão, mas ainda assim o número de línguas de pé trocaico não pode ser descartado. Curiosamente, o Avá-Canoeiro, o Xetá e o Tapieté são línguas que estão geograficamente distantes entre si (embora o Xetá e o Tapieté se encontrem na Bacia do Prata, não possuem grande proximidade), o que pode sinalizar que a mudança não se deu em época recente e não se desenvolveu em uma área restrita, apenas envolvendo línguas cujos povos falantes mantêm direta e constante interação. Sendo assim, podemos observar que não existe um padrão fechado entre as línguas descritas no que diz respeito às regras de atribuição de acento ou estrutura rítmica. As constatações acerca do acento no Xetá, no Tapieté e no Avá-Canoeiro descartam a possibilidade de que todas as línguas Tupi-Guarani são oxítonas: essas três são paroxítonas, tendo a primeira e a segunda o troqueu silábico e a terceira, o troqueu moraico como pés métricos marcadores do ritmo.

O Tapieté e o Xetá possuem grandes semelhanças no que diz respeito ao comportamento do acento, o que poderia indicar que, em um dado momento histórico, ambas as línguas – que ainda se encontrariam geograficamente próximas – sofreram influências a partir de uma mesma fonte. Além da proximidade geográfica, estão relacionadas por Rodrigues (1985) e Rodrigues e Cabral (2002) no grupo I da família, o que indica que também possuem maior proximidade linguística.

O Avá-Canoeiro possui padrões acentuais consideravelmente distintos de qualquer outra língua aqui estudada, o que nos leva a crer que tenha sofrido processo independente, não relacionado ao Xetá ou ao Tapieté. Das línguas em que se aplica a extrametricidade, o Avá-Canoeiro é a única em que este fenômeno se dá a partir de fatores rítmicos, ao invés de aspectos morfológicos, como ocorre nas outras línguas.

Como já anteriormente exposto, as únicas línguas que possuem regras de acentuação extremamente semelhantes são o Tupi e o Nheengatu, fato aceitável e previsível, pois como é sabido, o Nheengatu é uma língua geral que descende diretamente da variante Tupinambá da língua. Sendo assim, podemos afirmar que as características do acento pouco mudaram no decorrer da transformação do Tupi para o Nheengatu e que o português não chegou a exercer influência nesse aspecto da língua.

Não podemos, portanto, alegar uma “unanimidade” nos atuais padrões acentuais na família Tupi-Guarani, mas considerando que a grande maioria das línguas possui consideráveis semelhanças podemos considerar a hipótese de que estas características tenham se originado do Proto-Tupi-Guarani e se mantido na maior parte dos idiomas pertencentes à família. As mudanças ocorridas nos padrões acentuais do Xetá, do Tapieté e do Avá-Canoeiro seriam, portanto, resultado de um processo que teria se iniciado em um período posterior ao Proto Tupi-Guarani.

As semelhanças aqui referidas são: o pé métrico básico seguido pela maioria das línguas, acento previsível fixo e sensível ao peso silábico, além do tipo de aplicação lexical. Segundo esta hipótese, o acento no Proto Tupi-Guarani teria as seguintes características:

	Pé básico	Sensibilidade ao peso silábico	Acento livre X fixo	Acento previsível	Tipo de aplicação	Domínio de aplic.	Ac. rítmico x morfol.
Proto Tupi-Guarani	lambo	Sim	Fixo	Sim	Lexical	?	?

Quadro 15. Possíveis características do acento no Proto Tupi-Guarani.

No que diz respeito a características do acento tratadas sob o viés da Teoria Lexical (domínio de aplicação das regras de atribuição do acento) e do confronto entre acento rítmico e morfológico, os resultados das análises das línguas mostraram-se inconclusivos para fins de

especulação do comportamento acentual no Proto Tupi-Guarani, pois não é possível de se observar nenhuma tendência ou padrão nestas duas características a partir das línguas estudadas.

Esperamos que os resultados obtidos nesta dissertação possam ajudar no traçado de caminhos que levem a outros estudos acerca do Proto Tupi-Guarani e das inter-relações das línguas da família, uma vez que este tema é muito amplo e abarca uma grande quantidade de línguas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. F. *Fonética e fonologia da língua Araweté: uma nova contribuição*. Brasília: UNB (dissertação de mestrado), 2008.
- ANCHIETA, J. *Poesias*, transcrições, traduções e notas de Maria de Lourdes de Paula Martins. Boletim IV, Museu Paulista – Documentação Lingüística, 4, São Paulo: 1954.
- _____. *Língua Portuguesa e Tupi*, organizado por Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- _____. *Poemas – Lírica Portuguesa e Tupi*, organizado por Eduardo de Almeida Navarro. Martins Fontes, São Paulo: 2004.
- _____. *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Transliteração e notas Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1990, p. 21 (ed. fac-símile).
- ARNAUD, E. “Notícia sôbre os índios araweté, Rio Xingu, Pará”. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, n.s., Antropologia, 71.
- BARBOSA, Antônio Lemos *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- BISOL, L. “Fonologia Lexical” In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- _____. “Os Constituintes Prosódicos” In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BORGES, L. C. *A língua Geral Amazônica: aspectos de sua fonêmica*. Campinas: UNICAMP (dissertação de mestrado), 1991.
- BORGES, M. V. *Aspectos Fonológicos e Morfosintáticos da Língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. Campinas: UNICAMP (tese de doutorado), 2006.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.
- BROSELOW, E. “Skeletal Positions and Moras” In: GOLDSMITH, J.A. **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1996.

CABRAL, A. S. A. C. “A propósito das oclusivas sonoras do Jo’ê”. Moara n. 9. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: UFPA, 1998. 53-71pp.

CABRAL, D. F. *O acento lexical em Yaathe*. Maceió: UFAL (dissertação de mestrado), 2009.

CAMARA JR, J. M. *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1977.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. Cr. *Português: Linguagen v.1 7ed.* São Paulo: Saraiva, 2010.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

COLLISCHONN, G. “A Sílabas em Português” In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. . “O acento em Português” In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

COSTA, D. S. *Estudo do Acento Lexical no Português Arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. Araraquara: FCLAr-UNESP (dissertação de mestrado), 2006.

CRUZ, A. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Amsterdam: Vrije Universiteit (tese de doutorado), 2011.

DIETRICH, W. “O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico”. IN: NOLL, V; DIETRICH, W (org.). **O Português e o Tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

DOOLEY, R. A. *Léxico Guarani, dialeto Mbya - com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa linguística*. Brasília: SIL, 2006.

_____. *Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva Guaraní Contemporâneo*. Cuiabá: SIL, 2006

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GOLDSMITH, J.A. *Autosegmental phonology*. MIT. New York: Garland Press (Doctoral dissertation), 1979.

_____. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell, 1990.

GONZÁLEZ, H.A. *A grammar of Tapiete (Tupi-Guarani)*. Pittsburgh: University of Pittsburgh (Doctor of Philosophy), 2005

_____. “Una aproximación a la fonología del Tapiete (Tupí-Guaraní)”. *LIAMES* 8 - pp. 7-43, Primavera 2008.

HALLE, M.; VERGNAUD, J. R. *An Essay on Stress*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1987

HARRISON, C. H. *Gramática Asuriní – aspectos de uma gramática transformacional e discursos monologados da língua Asuriní da família tupi guarani*. Trad. Mary L. Daniel. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1975.

HAYES, Bruce. *Metrical Theory of Stress Rules*. New York/London: Garland Publishing, 1985.

_____. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1995.

HOGG, R; MCCULLY, C.B *Metrical Phonology: a coursebook*. New York: Cambridge University Press, 1987

HOOPER, J. *An Introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press, 1976.

HYMAN, L.M. *Phonology: Theory and Analysis*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

KAHN, D. *Syllable – based generalizations in English Phonology*. Department of Linguistics, MIT, Cambridge (Doctoral Dissertation), 1976.

KIPARSKY, P. “Lexical Morphology and Phonology”. In: I.-S YANG (Ed.) **Linguistics in the Morning Calm**. Dordrecht: Foris Publication, 1982.

LADEFOGED, P. A. *Course in Phonetics*. Boston: Thomson Learning, 2006.

LEE, S. H. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Campinas: UNICAMP (tese de doutorado), 1995.

LEMLE, M. “Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family”, In: BENDOR-SAMUEL, D (ed.) **Tupi Studies I**. Norman: SIL, 1971, pp 107-29.

LIBERMAN, M. *The intonational system of English*. Department of Linguistics, MIT, Cambridge (Doctoral Dissertation), 1975.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. S. *On stress and linguistic rhythm*. *Linguistic inquiry*, Cambridge, MA., n. 8, p. 249-336, 1977.

LIMA, C. H. da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 47 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LOPES, E. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1981.

MARTINS, M. F. *Descrição e Análise de Aspectos da Gramática do Guarani Mbyá*. Campinas: UNICAMP (Tese de Doutorado), 2003.

_____. Aspectos da fonologia prosódica Guarani Mbyá. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantiga de Amigo: Do Ritmo Poético ao Lingüístico - Um Estudo do Percurso Histórico da Acentuação do Português*. Campinas: UNICAMP (Tese de Doutorado), 1995.

_____. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos na história do acento*. Araraquara: Laboratório Editorial FCLAr, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. “Fonética”. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2006. v. 1, p. 105-146.

MATZENAUER, C. L. “Introdução à teoria fonológica” In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

MELLO, A. A. S. *Estudo Histórico da Família Lingüística Tupi-Guarani - Aspectos Fonológicos e Lexicais*. Florianópolis: UFSC (tese de doutorado), 2000.

MELLO, M. *Guia prático de sonorização de palco (para músicos)*. Campinas: UNICAMP, 1992.

MISTIERI, F. R. *O Acento em Tupi Antigo*. Araraquara: FCLAr-UNESP (monografia de conclusão de curso), 2010.

MIGLIORINI, L M Q. *Estudo do ritmo do Português Brasileiro a partir da análise de processos fonológicos lexicais e pós-lexicais*. Araraquara: FCLAr-UNESP (dissertação de mestrado), 2008.

MOHANAN, K.P. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications IULC, 1986.

NIMUENDAJÚ, C. Little-know tribes of the loxer Tocantins river region e tribes of the lower and middle Xingu river. In STEWARD, J.H (org). **Handbook of Southamerican Indians**. Vol. 3 (The Tropical Forest Tribes), Smithsonian Institution/Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Washington D.C, 1948.

NORDENSKIÖLD, E. "The guarani invasion of the Inca Empire in the sixteenth century: An historical indian migration" - *Geographical Review*. In: *American Geographical Society*, 9:103-121. New York, 1917.

NICHOLSON, V. *Aspectos da língua Asurini*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 1978.

_____. *Breve Estudo da Língua Asurini do Xingu*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 1982.

PAIVA, A. M. *Elementos de fonologia Avá-Canoeiro*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás (Dissertação de Mestrado), 1996.

PEREIRA, A. A. *Estudo Morfossintático do Asurini do Xingu*. Campinas: UNICAMP (tese de doutorado), 2009.

PIERREHUMBERT, J. (1980) *The phonology and phonetics of English intonation*. PhD thesis, MIT. Distributed 1988, Indiana University Linguistics Club.

PRINCE, A. *The phonology and morphology of Tiberian Hebrew*. Department of Linguistics, MIT, Cambridge (Doctoral Dissertation), 1975.

_____. "Relating to the grid". In: *Linguistic Inquiry*, v. 14, n.1, p. 19-100, 1983.

PULLEYBLANK, D. *Tone in Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

RODRIGUES, A. D. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*, (tese de doutorado), Hamburgo, 1958.

_____. "A língua dos índios Xetá como dialeto guarani". In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n.1, pp. 7-11, 1978

_____. "Relações internas na família linguística Tupi-guarani". In: **Revista de Antropologia** (Separata das edições 27 e 28). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985.

RODRIGUES, A. D; CABRAL, A. S. A. C. “Reverendo a classificação interna da família Tupi-Guarani”. In: In CABRAL. A. S.; RODRIGUES, A. D. (eds.). **Línguas Indígenas Brasileiras .Fonologia, Gramática e História**. Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL (vol. 1). Belém: 2002.

SALZER, M. *Fonologia Provisória da Língua Kamaiurá*. Brasília: SIL, 1976.

SEKY, L. *Gramática do Kamaiurá – língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas: Unicamp, 2000.

SELKIRK, E. O. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Indiana: IULC, 1980

SILVA, T. C. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SOLANO, E. J. B. *A Posição do Arawaté na Família Tupi-Guarani: contribuições linguísticas e históricas*. Belém: UFPA (dissertação de mestrado), 2004.

_____. *Descrição gramatical da língua Araweté*. Brasília: UNB (tese de doutorado), 2009.

VASCONCELOS, E. *Aspectos fonológicos da língua Xetá*. Brasília: UNB (tese de doutorado), 2008.

ZISKIND, H. “*Tu Tu Tu Tupi*”. In: **Meu Pé Meu Querido Pé**. São Paulo: MCD, 1996 (CD).